FON-FON
ANNO XXVII — N.º 20
Rio, 20 de Maio de 1933
PREÇO: 1$000

Depois da festa . . .
o que nos molesta . . .

O MAIS puritano dos homens vê-se, ás vezes, socialmente obrigado a comparecer a uma festa, seja uma despedida de solteiro, o bota-fóra de um amigo, um casamento, um anniversario, etc. Por maior que seja a sua força de vontade, tem que acceitar um copinho, depois outro e outro mais... Quando menos espera, vê-se preso de uma alegria um tanto descompassada.

Mas, no dia seguinte, que prostração, que molleza, que "ressaca," que dôr de cabeça! Entretanto tem á mão a benemerita *Cafiaspirina*, não ha razão para amofinar-se. Dois comprimidos com um copo dagua produzem maravilhosos effeitos; logo desapparece a dôr de cabeça, passa o mal estar e são recuperadas as forças perdidas.

A *Cafiaspirina*, por ser de todo inoffensiva, pode ser tomada em qualquer occasião. É tambem excellente contra as nevralgias, os resfriados, as enxaquecas e dôres rheumaticas, as dôres de dentes, de ouvido, etc.

CAFIASPIRINA

o remedio **de confiança**

O conto brasileiro

A obra prima

De Dilke de Barbosa Rodrigues

CONSTITUIA a novidade literaria do momento, um successo de livraria sem precedentes a novella — "O melhor esposo", de Maria Beatriz.

Um nome desconhecido, simples, que surgia victorioso. Quem seria essa autora empolgante, sensacional? Moça, anciã, feia, bonita? Um pseudonymo, talvez...

O caso intrigava a corrente intellectual da época, e o successo continuava pleno.

Emquanto a agitação crescia pelo mysterio desse nome e alvoroço se fazia em torno dessa obra, no 6.º andar do Edificio Flamengo, em seu appartamento "gris", recostada na "mapple" castanha, muito loira e esgalga, num pyjama de séda branca, modelando-lhe o corpo esculptural de vinte e trez annos, Beatriz Neiva, pois não era outra a autora do interessante livro que era o "clou" daquelle delicioso inverno carioca, lia com os olhos claros, humidos, a apreciação de sua novella, feita pelo critico de um matutino.

* * *

"O melhor esposo", dizia o consagrado escriptor, "é a novella de uma mulher de talento excepcional. Maria Beatriz adapta-se á vida moderna, acceitando-a tal como é, sem preconceitos inuteis, nem egoismos retrogrados. A vibrante autora é um espirito dynamico, uma estranha personalidade que resiste ás vinganças mesquinhas, faz ouvidos de mercador á inveja, ás desillusões da vida e vae seguindo para a frente sem as preoccupações e os ciumes da maioria das mulheres, com superioridade de espirito e alta comprehensão do caracter masculino, para, no fim, encontrar a felicidade que não é mais do que uma obra construida por nós mesmos, segundo affirma Maria Beatriz.

"Si essa autora tem experiencia da vida conjugal como a sua obra nos insinúa, o seu trabalho é digno dos maiores encomios, porque é uma súmmula da verdadeira felicidade, da felicidade que o seu espirito arguto, observador, realizou, sob uma logica e psychologia femininas, muito superior. Si, ao contrario, Maria Beatriz é joven e solteira e pretende pôr em pratica as idéas de seu livro, é uma creatura destinada a ser feliz com essa resignação tão rara e força de vontade para vencer na vida do coração. E' uma realizadora a Smiles.

Sinão vejamos o que sustenta Maria Beatriz para "O melhor esposo":

"Julgo-me feliz! Reconheço que meu marido não é um santo como se costuma dizer, nem o principe encantado dos meus sonhos de menina. Um pouco mais do que sympathico, culto, é um homem de sociedade, fino, educado como os demais. De resto, a educação é a base da estabilidade de um lar. Emfim, Raul, bonito e "flirteur" constitue um perigo para a legitima esposa. Não o temo, todavia. Basta que, esforçando-se com que eu ignore, certas faltas, não me humilhe jamais e mais ainda porque sou *sua mulher!*. Esse titulo que é a minha gloria, nenhuma m'o tirará! As outras que o amarem, si forem por elle amadas, serão quando muito suas paixões, loucos amores; não passarão disso... Além de serem culpadas deante dos olhares honestos.

Meu marido engana-me com outras mulheres. Sei-o por portas travessas.

Elle, por si, tudo faz, evitando que eu conheça pormenores de seus caprichos sentimentaes. Sua natureza é como a dos homens, em geral: não póde mudar.

Ora, como em todo homem ha um pouco de Rajah... eu me contento em ser a *favorita* de meu marido! Desde que o amo e não quero perdel-o, faço-me céga e surda ás suas leviandades, já que, occultando-me as façanhas, prova respeitar-me e, logicamente, amar-me melhor que ás outras... Meu marido "flirta" e ama outras mulheres! Mas fál-o tão bem, com tal receio que eu venha a perceber como si a susceptibilidade feminina fosse cousa tão simples, que si pudesse desviar, que chega até a lisongear-me. Tanto escrupulo! Vão, afinal! Os "casos" de meu marido!... minha amiga Consuelo, a minha antiga chapeleira Georgette...

"Todavia como elle soffre, como se inquiéta quando presume que eu possa conhecer esses aggravos á minha pessôa! Respeita-me portanto; é o principal!

"Não ha felicidade perfeita! Por isso, ageito-a a meu modo e sahio-me ás maravilhas, embora chóre muitas vezes, ás escondidas, sabendo dar ás minhas lagrimas uma fórma de sorriso feliz quando elle volta, perscrutando o meu olhar!

E' necessario que elle pense que o julgo, correcto, impeccavel, eu a unica amada.

Elle procederá sempre melhor, aperfeiçoar-se-á!... A confiança em si mesma é parte integrante do éxito.

Raul é inconstante como todos os homens, nem melhor, nem peor! Um homem, apenas! Resta conformar-me! A sua cultura, que observa quanto sou susceptivel, não permitte que eu soffra com escandalos e faz o possivel para que o proclame o melhor dos esposos. — Guarda a minha pessôa, e o nosso lar. E' uma grande cousa! Outros affrontam as esposas e a sociedade. Trata-me com carinho e amôr como uma ingenua adoravel, como uma creança grande! Meu Raul, o meu leviano e bom Raul, não é tão máo assim, deante dos outros homens.

E vendo como as minhas amigas se queixam dos seus, só me resta mesmo proclamar Raul o melhor dos esposos... pelo menos entre os casados que eu conheço"...

Beatriz Neiva, ou por outra a nossa Maria Beatriz cessou de ler. Aquella phrase ironica com que terminava um dos capitulos de seu livro chocava-a, agora. Nem siquér tornou á leitura do jornal, á columna em que havia o applauso final do critico. Cerrando os enormes olhos verdes inundados de pranto, amarfanhando a folha, arremessou-a ao chão, num gesto nervoso de creança mimada.

"Uma creatura destinada a ser feliz!"

As palavras do critico subiam-lhe á cabeça. Ella! Como era differente o seu destino!

E, na calma daquelle domingo frio, Beatriz Neiva, antiga senhora Humberto Souza, sentia um grande peso nalma, deante do successo inesperado de sua obra.

Os nossos romances são um pouco de nós mesmos, asseveram uns.

No emtanto, Maria Beatriz bem pouco provava em favor de sua experiencia da vida e dos ho-

(Continúa na pag. seguinte)

A OBRA PRIMA

(Concluido)

mens." "Palavras, palavras, palavras", como dizia Shakespeare. Sua obra, pura ficção!...

Beatriz Neiva, como ella se assignava em solteira, mordia o lenço rendado, recordando...

Casára por amôr, aos dezoito annos, com Humberto Souza. Ella quasi descria desses grandes amôres. Parecia-lhe, então, que quanto mais intensos mais passageiros eram.

Amára o marido com todas as forças dalma. Morria de ciumes delle.

Tinha a impressão de que todas as mulheres pretendiam roubar-lhe Humberto, moço, talentoso, bonito.

Vivia em sobresaltos constantes. Quantas vezes regressára antes de chegar a um divertimento, unicamente porque o marido mirára um vestido bonito ou se voltára deante de um perfume que passava!

Agora, pensando melhor, quem sabe? as suas duvidas haviam influido nas consequencias de sua infelicidade?

Até que veiu a primeira denuncia, seguida de outras continuamente, a mesma voz anonyma informava-a, todas as manhãs, onde o marido passava as tardes... Havia nas palavras dessa desconhecida tal interesse e exactidão, que só agora ella concluia: devia ser alguem desejoso de desfazer-lhe o lar, a propria mulher com quem Humberto se encontrava. Mas hoje, só... naquelle tempo não déra ouvidos ao bom senso, e vendo-se desafiada, sem comprehender que a rival, com o escandalo, desejava retiral-a da concorrencia do amôr do marido, foi surprehendêl-o no "rendez-vous".

Naquella tarde, seguindo a informação correcta, fôra ter ao Lido, onde em uma mesa, conversando com uma mulher muito elegante e abrilhantada, o seu querido Humberto...

Voltou ao carro com um soluço preso á garganta, emquanto Humberto tentava alcançal-a e a "outra" o detinha, cynicamente feliz, radiante pela victoria.

Veiu em seguida o divorcio.

Installára-se, desde então no arranha-céo do Flamengo e, recusando a pensão do marido, fôra empregar-se. Sem parentes ou amigos, sómente Rosalia, a preta que a creára, ficára com ella. No seu isolamento, a bibliotheca que orga-

O rompimento, depois de tanto tempo, foi atroz.

Ella perdeu todo o seu orgulho ante a espectativa de perdêl-o. Procurou-o muitas vezes. Chorou. Disse-lhe, em prantos, todo o seu amor. A sua tristeza. Mostrou-lhe o futuro vazio, incerto, com nuvens negras de infelicidade.

Mas o homem ficou inflexivel. Parecia que as lagrimas della não o commoviam. Parecia que elle não podia comprehender o que era amor, tristeza, saudade...

Muitas vezes, entretanto, elle maldisse aquelle presente nefasto que o afastava de um futuro tranquillo, feliz, junto de uma mulher muito linda e muito meiga. E

As mulheres não

quantas vezes, depois que ella sahia, elle tinha impetos de correr. E de chamál-a. E de repetir o seu nome uma porção de vezes, com a voz cheia de soluços que ella não via e que, talvez, não quizesse acreditar.

Mas a brutalidade daquelle presente, o phantasma de uma ignominia que se interpunha entre elles, tudo, tudo voltava e parecia que tinha sido hontem. As letras negras que marcavam o principio da queda num abysmo de nada pareciam avolumar-se. Cresciam ante os seus olhos, vindo de todos os lados, envolvendo-o como uma prisão de ferro onde a fuga era

nizára, a vista para o mar, a sua infelicidade, o trabalho influiram em seu cerebro culto e ella se pôz a organizar côres e musicas nalma, creando imagens novas imprevistas que ella, a principio, timidamente, começou a enviar á imprensa e, obtendo resultado e exito, comprehendeu que tinha talento, e levou avante o plano de fazer um livro de idéas novas, ironico, um livro que fosse a antithese de sua vida...

Mas, agora, ante o feito de gloria que, inesperadamente, conquistára, sózinha, ao invéz, de prazer, se sentia triste; quiz chorar, mas os olhos, a garganta estavam séccos.

Suas lagrimas, a ingentes esforços, pareciam ter-se escôado.

Ouviu passos no outro aposento. Devia ser Rosalia, iniciando as arrumações diarias.

Quiz erguer-se da poltrona, mas, olhando para o broche que trazia ao peito com o retrato *delle*, deixou-se alli ficar, chorando sentidamente.

Commovido, alguem tomou-lhe as mãos e nellas encontrou o broche...

Ella não fez um movimento, como si adivinhasse. Rosalia, a adoravel realizadora do "get-apens", chorava, atráz do reposteiro.

Foi então que uns braços fortes a prenderam, como outr'ora!

Olhos cerrados, louca de ventura, ella tinha mêdo de despertar daquelle sonho bom!

E, enleiada, ouvia a vóz que lhe sussurrava ao ouvido:

— Maria Beatriz, você foi uma revelação para mim. Seu proceder e o amôr que a elevaram tão alto, nesta ausencia de dois longos annos, fizeram-me adoral-a na mulher estraordinaria que você sempre foi. E eu, não sendo digno de você, nem o melhor dos esposos, sou, todavia, daquelles que você bem classifica na veneração de uma unica *mulher* e essa mulher é aquella a quem offerecemos o nosso nome. Todas as outras passam, menos aquella que nos prendeu com o seu amôr e dignidade; essa sim é a melhor das mulheres.

Os grandes olhos de Beatriz descerraram-se, deslumbrados, e os labios entreabriram-se felizes.

Foi um momento! Uma emoção adormecida cerrou-lhe as palpebras, novamente, e um beijo violento, arrebatando para a alma de Humberto, sequiosa de amôr e felicidade, o seu sorriso de alegria, descreveu, no céo, claro, um capitulo encantador na obra-prima do amôr conjugal...

comprehendem

impossivel porque não se foge de um cárcere moral.

Depois, uma vontade louca de se atordoar. De se perder no turbilhão e se deixar levar por elle. Mas era inutil porque não esquecia. Não era possivel esquecer. E o sorriso della voltava. A sua voz estava em toda a parte. E os seus beijos sentia-os ainda na bôcca ressequida.

Depois, o aniquillamento. Tristeza. E saudade. Muita saudade daquella felicidade que tinha passado de repente.

Por que? Alguem que elle não conhecia dizia que a vida é sempre assim. Que tudo passa. Que tudo se esquece. E que o passado não volta nunca mais.

Mas não podia ser. E era em vão que procurava acostumar-se áquella nova vida. Sentia-se só. Abandonado no meio de muita gente. E nunca a solidão foi tão horrivel, porque era cheia de visões de um passado tão perto.

Um dia sentiu que não podia mais. E foi.

Mas, quando a mulher appareceu, elle não poude falar. Olhou-a nos olhos, fixamente.

E ella passou.

Passou sem comprehender que, si tivesse falado, si tivesse sorrido, elle cahiria aos seus pés chorando como uma creança...

MAURO BARCELLOS

A morte do sargento Colly

(*Continuação do numero anterior*)

De G. R. Malloch

O seu dolman estava rasgado, faltando alguns botões. O uniforme apresentava marcas de um pneumatico. A policia investiga activamente o assumpto e convida a todos que tenham percorrido, á noite, a estrada de Ruttleiy, a se apresentarem naquelle Departamento".

Agora sabia tudo... Era o assassino do sargento Colly. Atirou instinctivamente o jornal sobre a mesa. Nesse momento entrava Gloria Wilson.

Estava formosa e viva, como sempre. Foi forçado a reconhecer que ella tinha personalidade e podia ser uma bôa amiga em caso de apuros. Devia confiar em Gloria? Não estava envolvido nessa trama por sua culpa?

Gloria aproximou-se tranquillamente da mesa.

— Sahiu nos jornaes? — interrogou sem mesmo dar-lhe bom-dia.

Elle balançou a cabeça e indicou-lhe a noticia.

— Um sargento de policia! — observou Gloria. — Tenho pensado si João examinou ou não o botão de metal...

— Supponho que não, pois, si assim fosse, teria visto, desde logo, que elle não podia ser de mulher...

— E' certo. Então, você está a salvo. Um automovel que se chocou com um poste situado no desvio de uma outra estrada, a muitos kilometros do local do accidente, não póde despertar suspeitas... Já não corre perigo algum, Henrique... Ninguem poderá provar qualquer coisa contra você.

Olhou-a, franzindo o cenho. Henrique! Era a primeira vez que o chamava assim... Continuavam ligados por aquelle segredo e ella o fazia recordar-se...

A voz de sua mulher, que lhe dava "bom dia", interrompeu-o nas suas cogitações. Sentaram-se para o café. Gloria tinha razão. Não podiam provar coisa nenhuma contra elle. A unica prova possivel teriam sido as manchas de sangue no pára-lama e Gloria as fizera desapparecer. Mas, si, apesar disso, João descobrisse algumas?

Deixou cahir a chicara do café, com os dedos tremulos. João leria os matutinos, preferindo as reportagens policiaes. Aquelle botão e uma só mancha de sangue poderiam pôl-o na pista do segredo. Que fazer?

Vaudren pensou que só lhe restava um caminho possivel para pôr a sua honra a salvo: apresentar-se immediatamente á policia. E decidiu-se.

Mas antes precisava falar a Gloria, em particular. Era curioso que fosse ella e não a sua mulher quem compartilhasse de um segredo que affectava a sua propria vida...

Mas Gloria illudia-o... Elle não adivinhou que era uma tactica feminina, destinada a fortalecer o vinculo, que os prendia. Seguia Isabel como uma sombra, para aproveitar um momento em que esta a deixasse a sós com o marido. Afinal, num impulso de colera, pôz o sobretudo e o chapéu e sahiu.

Na reunião do directoria da sua companhia esteve mais distrahido que nunca e assignou todos os papeis, sem discutir. Na sua imaginação appareciam quadros lugubres... Testemunhas invisiveis entre as arvores... João descobrindo uma mancha de sangue... Via-se publicamente humilhado.

(*Continúa na pag. seguinte*)

A SAUDE DA MULHER

O GRANDE REMEDIO DAS DOENÇAS DE SENHORAS

A morte do sargento Colly — (Continuação)

balbuciando uma defesa em que ninguem acreditava, recebendo uma intimação para abandonar o club, não se atrevendo a olhar, face a face, a sua mulher.

Tomou um taxi e fez-se conduzir ao club. Almoçou ali, porque tinha medo de encontrar-se com Isabel e, mais ainda, com Gloria.

Mas, que podia fazer? Para cumulo de tanta complicação, nem siquer tinha a certeza de ter morto Colly... Talvez elle já estivesse morto e, nesse caso, apenas atropellára um cadaver. Não seria ridiculo e arriscado compromettter a sua vida e a felicidade de Isabel por um crime que talvez não tivesse commettido?

Ao regressar ao seu apartamento, encontrou um cartão sobre a mesinha do "hall", com a seguinte indicação: "Inspector Larsen. Departamento de Policia".

De maneira que já estavam nos seus passos... Appareceu a creada, que lhe disse:

— Sr. Vaudren, esse cavalheiro deixou dito que voltaria á tarde.

— Está bem — respondeu, com ar distrahido. — Avise-me quando elle chegar.

Dirigiu-se para a sala. Ali estava Gloria, sozinha, finalmente.

— Isabel sahiu para tomar chá com umas amigas — disse-lhe ella, insinuante...

— Viu este cartão? — perguntou-lhe Vaudren, mostrando-o.

— Sim. Voltará á tarde. Alegro-me por Isabel estar ausente.

— Você sabe o que isso significa?

— Sim! — exclamou Gloria. Mas eu... já o salvei!

Ella cria tel-o salvo! Pelo contrario. Aniquilara-o para sempre, arrastando-o ao lado em que se debatiam os covardes...

— Nada póde destruir a trama que preparei! — insistiu ella. — O que succedeu nessa noite é um segredo que ficará para sempre entre nós...

— Qual foi o seu intuito assim procedendo? — disse Vaudren, desesperado. — Só conseguiu peorar as coisas. Eu devo confessar a verdade á policia. E isto equivalerá a reconhecer que agi como um covarde!

Ella enfrentou-o, com os olhos cheios de fogo:

— Procedi assim porque o amo, porque o comprehendo como nunca o comprehenderá essa boneca que é sua mulher! Iria eu permittir que um homem como você, de tanta personalidade, de futuro tão brilhante, se visse esmagado, tolhido, desgraçado por esse tão ingrato episodio? Além disso, você não teve culpa que elle surgisse tão inesperadamente em frente ao carro. Nem siquer se póde affirmar que você o tivesse realmente atropellado...

Vaudren escutava, esmagado aquella rajada de paixão. De maneira que, depois de lhe ter arrebatado a honra, Gloria queria fazel-o enganar a sua mulher... Fitou-a. Era uma mulher que tentaria qualquer homem com a sua ardente belleza. E offerecia-lhe o seu amor, um amor que seria tempestuoso e eterno, ao mesmo tempo. Gloria usára daquelle recurso para ligar-se a elle por um segredo, para chegar, por uma estrada vergonhosa, ao seu coração...

De subito, ella enlaçou-o com os braços pelo pescoço, beijando-o apaixonadamente. Vaudren sentiu que os seus labios queimavam. Apartou-a de si, com gentileza. Sentia por ella o desprezo que podia ter pelos chantagistas... Aquillo era uma especie de chantage sentimental. Mas Gloria era uma mulher enamorada e um cavalheiro não podia tratal-a brutalmente... Não tinha motivos para duvidar da sua sinceridade.

— O inspector insinuou qualquer coisa a meu respeito? — perguntou

— Não. Só perguntou o numero do carro e a estrada que percorremos.

— Então, por que declarou que voltaria?

— Explicou-me que precisava ver o proprietario do automovel.

— Comprehendo. Direi tudo quando elle chegar.

— Henrique, não faça isso! Isabel ficará no conhecimento de tudo!

(Conclusão) — A morte do sargento Colly

— Será necessario que ella tambem saiba...

Nesse momento chegou Isabel. Tirou o agazalho e sorriu.

— As Harrington fizeram-me demorar. Por que estão vocês tão excitados?

— Faze o favor de sentar-te, Isabel. Tenho alguma coisa a dizer-te... — avança Vaudren.

Ella sentou-se numa cadeira e fitou-o com os seus olhos leaes. Gloria dirigiu-se para uma das janellas e ahi se conservou.

— Succedeu que naquella noite... — começou Vaudren.

Mas Isabel deteve-o.

— Sei tudo quanto se passou — disse ella. — Eu convenci a Gloria de que estava dormindo, mas não era verdade. Sei tudo... tudo... Que irás fazer?

— Dizer tudo á policia. Não tardará em chegar o agente.

Isabel põz-se de pé e beijou-o com tal ternura, que Vaudren se sentiu commovido. Esquecêra-se de Gloria.

Soou a campanha e a creada annunciou o agente de Scotland Yard.

Vaudren foi recebêl-o no "hall".

— Desejava falar commigo, inspector?

— Sim, senhor — respondeu o detective. — Lamento aborrecêl-o. Mas estamos na pista de um delinquente perigoso e queriamos que o senhor nos informasse sobre certos detalhes, como proprietario do auto 1938 — B. Esse individuo usava um carro da mesma marca e precisamos saber da hora exacta em que elle passou por Ruttely. E' accusado de um assassinato.

— De quem?

— Do sargento Colly. Sem duvida o senhor leu as fabulas dos jornaes. Mas são versões falsas, que fizemos intencionalmente publicar. Colly foi apunhalado e despojado de uma maleta, na qual conduzia joias valiosas do coronel Wilkins, o chefe de policia.

— Mas... Foi atropelado, então depois de morto?

— Não foi atropelado nunca. A noticia tambem é falsa.

— Neste caso, que deseja de mim?

— Estou encarregado de controlar os autos que passaram pelo local do crime, áquellas horas. O seu é pintado de azul escuro, não é verdade?

— Sim.

— Igual ao do assassino. Foi ás 20 e 30 minutos quando se chocou com o pilar?...

— Sim.

— E' tudo.

— Um momento, inspector... A verdade é que passei pelo mesmo trecho do caminho onde se deu o assassinato... Si a senhorita Gloria Wilson não o disse, é porque desconhecia o nome da estrada e porque naquelle momento era eu que guiava. Num momento de maior escuridão, senti uma violenta pancada, mas não freei. Devia tel-o feito e João, o meu "chauffeur", encontrou isto no estribo do automovel.

O inspector examinou curiosamente o botão e sorriu.

— Si isto o preoccupa, fique socegado. Póde ser que este botão tenha pertencido a Colly, mas o senhor não podia ter atropelado o corpo do sargento pela simples razão de que elle nunca esteve na estrada, mas num atalho contiguo. Agradeço-lhe, porém, a gentileza da informação.

Quando Vaudren voltou á sala, Gloria já alli não se encontrava. Approximou-se de sua mulher e ajoelhando-se junto a cadeira, onde ella estava, escondeu o rosto no seu regaço.

— Eu sabia tudo — disse-lhe Isabel. Mas te conheço muito bem e comprehendi que acabarias por cumprir o teu dever... apesar de Gloria. Ella acabou de dizer-me que voltaria á sua casa, hoje mesmo.

E beijaram-se, reconhecidos.

O COFRE DE SÈVRES

Elias. — Nada, nada... Como si o estivesse vendo!... Vocês forçaram a tampa e, promptol, se quebrou.

Magdalena. — Eu te juro...

Sofia. — Papae, eu não fui...

Elias (*ironico*). — Quá, quá, quá... O que sempre acontece... As coisas se quebram por artes do diabo!... Eu não fui, tu não foste, ella não foi... E como não temos gato para culpar, deve ter sido algum phantasma brincalhão, que se diverte quebrando-nos o que de melhor temos em casa... Não me digam mais nada... Já me convenci...

Magdalena. — Escuta-me, homem...

Elias. — Escuto-te, mulher.

Magdalena. — Esse cofrezinho já estava fraco.

Sofia. — Já estava, papae... Foi por isso que te deram tão barato.

Magdalena. — Com certeza, ao trazêl-o, bateste nalguma coisa, no bonde, e como já estava fraco...

Elias. — E' isso... Deve ter sido isso... Coitadinho! (*Aborrecido*). Então vocês pensam que eu sou algum idiota?

Magdalena. — Adeus!... Eu bem já o sabia... Por uma coisa á tôa um aborrecimento!

Elias (*indignado*). — Coisa á tôa?!...

Magdalena. — S i m, senhor... Venderam-te dizendo- te que era Sèvres e é tão Sèvres como eu chineza!

Sofia (*com ares de entendida*). — Uma vulgar imitação, papae... Qualquer pessôa o percebe... Isso, bem pago, não vale nem dez mil réis...

Magdalena. — E deste cem por elle!... E' engraçado!... Os *negocios* dos homens...

Sofia. — E ainda por cima fraco...

Elias. — Mas isto é demais! Acabo perdendo a calma! Quando o trouxe, uma maravilha!... "Que belleza! Que preciosidade! As Villanova vão ralar-se de inveja quando o virem! Um Sèvres legitimo!..." E agora deixou de ser Sèvres, e as Villanova não mais se ralarão de inveja, e eu fui enganado como um imbecil!... Por que não o disseram quando eu cheguei com o cofre?

Magdalena. — Tivemos pena...

Sofia. — Estavas tão enthusiasmado, papae... Por que haviamos de dar-te esse desgosto?

Elias. — Ah, ah!... Vocês pensam que eu sou mesmo algum imbecil?... Pois estão muito enganadas!... A verdade é que vocês o quebraram e, para que eu não grite e com razão, dizem que o cofrezinho era isto e mais aquillo... Era Sèvres, sim, senhoras! Eu entendo muito bem de porcelanas!

Magdalena. — Está se vendo!... Em tua casa havia Sèvres até na cozinha...

Elias. — E na tua, louça pedra até na sala!...

Magdalena. — Não admitto que me insultes!

Elias. — Nem eu que me queiras humilhar!

Magdalena. — Grosseiro!...

Sofia. — Mamãe! Por favor!...

Magdalena. — E' claro! Como é a primeira vez que vê um Sèvres, está assustado.

Elias. — Mas não dizias que não era Sèvres?...

Magdalena (*exaltada*). — Cala-te!

Elias. — Não tenho vontade!...

Sofia. — Papae, por favor!...

Magdalena. — Deixa-o, filha, deixa-o... Depois elle se arrependerá. Está assim porque quebrámos uma peça *unica*, digna de um museu!... Pódes queimar a casa toda com teus malditos cigarros, mas ai de nós, si se quebra um pires...

Elias. — E' que vocês são muito descuidadas...

Magdalena. — E tu não! Tens pessima memoria. Lembra-te do jarro japonez...

Elias. — Aquillo sim, é que era uma coisa á tôa!...

Sofia (*censurando*). — Era magnifico papae...

Elias. — Porque foram vocês que o compraram... E depois com aquelle Budha na tampa que nos trouxe a má sorte para dois annos!

Magdalena. — Então o quebraste de proposito...

Elias. — Deve ter sido... Exactamente como occorreu com o cofrezinho...

Magdalena. — Insolente!

Elias. — Mais insolente és tu! — (*Apanha o cofre e o atira ao chão, onde se espedaça*). Ahi está!... — para que não fique nem uma amostra...

Magdalena. — Está louco?

Sofia. — Ai, meu Deus!... Um Sèvres tão precioso! Vês mamãe?

(*Elias sáe, resmungando*).

Magdalena. — Foi teu pae que começou...

Sofia. — E olha como terminou!...

FANFARLU...

NOTAS

COMPANHIA DRAMATICA BRASILEIRA — JAYME COSTA. — Com a peça em 3 actos de Renato Vianna, *Monna Lisa*, a Companhia Dramatica Brasileira Jayme Costa inaugurou martedia, 3ª-f., 9 de maio, no Theatro Municipal, a temporada official deste anno.

O assumpto da peça é historia romanceada ou antes romance que se fez historia.

Leonardo da Vinci, genio encycpedico da Renascença, que quiz ser tudo e acabou sendo menos do que devia ter sido, cuja vida no concerto elegante e profundamente verdadeiro de Frederico Harrison, é "*um immenso catalogo de emprezas abortadas, ao lado de tres ou quatro obras de bellea e perfeição suprema*", pintou no esplendor do genio e da mocidade, embora já tivesse mais de meio século de idade chronologica, o retrato de Lisa Maria di Noldo Gherardini, filha de Antonio Gherardini, e então esposa de Francesco di Bartolomeo de Zenobi dei Giocondo. E' o celebre quadro do Museu do Louvre — *Monna Lisa* ou *La Gioconda*, obra-prima do genero e uma das maiores obras-primas de todos os generos. "Não é pintura, é o desespero dos pintores." "Vae-se para ella attrahido, como a ave para a serpente." São, entre innumeras de grandes espiritos, as impressões de Vasari e Michellet deante da tela immortal. E dizendo especialmente do que ha de mais celebre na celebre pintura, escreve Gustave Geffroy: "...o immortal sorriso que brinca entre a bocca e os olhos, com tão extraordinaria expressão de certeza secreta. A poesia teve muita razão em se apegar insistentemente a esse sorriso, em interrogal-o e celebral-o. Não é qualquer jogo physionomico de um modelo que Vinci apanhou num momento feliz, é o resultado de um longo e persistente labor, é um resumo de sensação e de pensamento... Com o sorriso da Gioconda, Leonardo disse tudo da sua curiosidade ardente, da sua percepção aguda, do seu juizo desencantado."

Ante o esplendor do poema plastico e o caracter singular do artista, é natural indagar se *La Gioconda* é apenas a projecção formidavel do genio na sua ansia insaciavel e insaciada de perfeição artistica, ou resulta ainda do amor que lhe tenha inspirado o modelo.

DE ARTE

Leonardo amou a Monna Lisa? E' possivel, é provavel, talvez certo. Duas outras figuras de mulher, encontradas após a sua morte entre os trabalhos do pintor, revelam que Monna Lisa foi o unico modelo que elle não esqueceu nunca. E Monna Lisa? Foi sempre a esposa integralmente fiel de Francesco del Giocondo? Nem espiritualmente teria amado Da Vinci? Tudo leva a crer na infidelidade, pelo menos espiritual, da mulher Del Giocondo. De sorte que, historia ou legenda, nada mais natural do que admittir a vida amorosa de Leonardo e Monna Lisa.

Foi a essa historia ou a essa lenda que Renato Vianna deu a vida da scena. E o fez logica e estheticamente. Logicamente porque imaginou o amor sem posse, não por obstaculo opposto pelo altruismo do genio, que o não tinha bastante para semelhante sacrificio, mas por que o artista só amava verdadeiramente a arte, e se amou a Monna Lisa, só a amou como instrumento do seu genio. Estheticamente porque não fez da peça uma comedia vulgar, um caso de adulterio, entre um artista sem escrupulo e uma mulher sem virtude.

Comprehende-se o peccado de Monna Lisa, naturalmente ligada sem amor ao marido, e enfeitiçada, empolgada, apaixonada pelo espirito eleito, pelo genio extraordinario de Leonardo. Comprehende-se a repulsa de Leonardo negando-se a viver com Monna Lisa, que ardentemente lh'o supplica, pois o caracter profundamente egoista do pintor, a sua paixão exclusiva, morbida pelo seu eu artistico, o justifica, muito embora na peça se attribua a repulsa aos conselhos de Frei Lucas, amigo e conselheiro de Leonardo. Comprehende-se ainda o final do drama, o remate, por assim dizer, religioso, ou melhor theologico da amorosa intriga. Da Vinci, dado embora a investigações scientificas e industriaes, creador de belleza positiva através das suas obras plasticas, não se libertara nunca do absoluto; ao contrario, o absoluto é a sua obsessão, mesmo quando faz sciencia, industria ou arte. De sorte que, fugindo da theologia catholica, entrega-se á metaphysica materialista em busca das soluções absolutas, mas decepcionado volta á fé antiga porque só a fé do porvir, a religião scientifica, ainda não fundada, lhe poderia livrar da duvida metaphysica sem recorrer ás illuminuras divinas. Não a tendo, nem podendo tel-a, a solução tinha de ser a que foi, voltar plenamente á fé catholica. E então a figura de Monna Lisa, em vez de ser apenas a imagem subjectiva da mulher amada que elle immortalizara na tela, torna-se espirito encarnado vivendo objectivamente depois da morte ao lado do artista no céo catholico...

Bella sob todos os aspectos, e onde se destacam especialmente, pelo esplendor verbal e pela situação dramatica, o dialogo philosophico do 1º acto entre Leonardo e Frei Lucas e o dialogo de amor do 2º, entre Monna Lisa e Leonardo — a peça de Renato Vianna exige actores e publico que lhe saibam interpretar e comprehender toda a belleza. O que é difficil e raro. Entretanto, nem por isso, os artistas da Comp. Dram. Bras. e a platéa do Municipal deixaram de interpretar e comprehender, sinão plena, satisfactoriamente, o bello poema dramatico. De sorte que se pode considerar, dentro da relatividade de consciencioso julgamento, ter sido auspiciosa a estréa da "Comedia Brasileira". E' bom não esquecer se trata de um grande esforço, em prol do theatro nacional, que precisa ser apoiado e estimulado.

Jayme Costa, (Leonardo) se não deu todo o relevo á difficil interpretação do 3º acto, agradou bastante no 1º e no 2º. Bella figura, voz quente, bôa dicção. Se a essas qualidades juntasse mais vibração, mais vida, se se esquecesse mais da sua para só encarnar a personalidade do heroe, maiores seriam as laureas da sua noite de estréa.

Armando Rosas (Fr. Lucas) viveu com muito primor a figura de Frei Lucas. Magnifico no dialogo do 1º acto com Leonardo.

Lygia Sarmento (Monna Lisa) revelou-se artista de grande futuro. Notamol-o especialmente nas scenas mudas, quando apenas, ouve, quando a voz, que aliás lhe realça tanto a acção dramatica, se cala e só o rosto fala.

Mario Sallaberry (Francesco, discipulo de L.) e Nathalia Aragão (Camilla, camareira de M. L.) concorreram, especialmente o primeiro, para o bom exito da representação.

Scenarios e indumentaria dignos de nota.

Registremos os repetidos applausos com que o publico brindou autor e interpretes e o discurso em que R. V. precedeu a representação, dizendo da inauguração do theatro nacional, da Comedia Brasileira, na primeira casa de espectaculos do Rio e do Brasil.

OSCAR D'ALVA

GILDO (Bahia) — O sr. é um de bom figado. Gosto dos homens que fazem tudo sorrindo. Tenho horror ás carantonhas, ás caraças, aos "semblantes fechados"... Abertos! Abertos, de janellas escancaradas é que os amo... Rostos alegres, felizes, risonhos, arejados, cheios de saude e bonhomia. Entende? E o sr. me dá a idéa de que não leva a vida muito a sério. Só os hepaticos, os homens doentes do figado é que encaram a existencia com sizudez e rigor.

A piada final da sua missiva é deliciosa. Ella concorreu para que me interessasse pela publicação do seu trabalho, pondo á margem do papel esta recommendação, que o secretario ha de ler: "Da parte do Yves". Isto quer dizer: "O Yves tem o maior interesse na publicação desta collaboração, que se destina a um bom logar"...

Percebeu?

E tudo isso deve o sr. ás suas blagues que fazem rir sem irritar.

Eis o que o sr. me escreve:

"Bahia, 27 de Abril de 1933. Caro Amigo Yves. Um aperto de mão, um abraço e não lhe envio tambem um beijo, porque, meu caro, Você é *barbado* como eu!...

Garanto que até já se espantou porque, sendo a primeira vez que lhe escrevo esta, já venho tratando-lhe com tanta familiaridade!...

Ora, mas se já o momento permitte isto?!...

Não estamos a caminho da Constituinte?

Lóógo... a epocha é dos abraços, das cavações, das intimidades e dos votos — embora sejam elles secrétos!...

E como os teus, já de há muito, tambem o são, eu, de cá, peço-lhe tambem um delles não para Constituinte, mas... para esta minha collaboração — Destino.

Achando-a bôa, peço-lhe que publique com meu nome; se necessitar de concertos retoque; e se nada p r e s t a r, Yves, "areia nella... areia nella!..."

E aqui um seu admirador ás ordens. Abraços"

"Ps: A resposta que venha com o meu pseudonymo: — Gildo.

C u i d a d o com ella Yves, que eu sou casado!...

Se minha sógra souber que, *até ahi*, o Destino tambem fracassou, estou desgraçado!...

Será uma dos diabos!...

Adeus, Yves...—*Gildo.*"

JANDYR (S. Paulo) — E' desvanecedora a sua missiva de sympathia e amizade. Ella me agradou sobremodo. Primeiro, porque o sr. não me conhece e foi espontaneo, quando se referiu ao meu romance; depois, porque o sr. nada me pede e, nem sequer, me declara que é poeta.

E' claro, pois, que o sr. não me elogia com segunda intenção, isto é esperando que lhe publique collaborações, caso as tenha. E como os termos de sua missiva são uma bôa reclame para mim, consinta que eu a dê aqui na sua integra.

Eil a:

"São Paulo, 30-3-1933. Caro amigo Yves. *Rio*. Depois de pensar um punhado de segundos, na duvida de serem acceitas, resolvi hypothecar incondicionalmente, minha amizade e admiração ao conhecido e illustre homem de lettras que usa o dseudonymo-blindado de "Yves" para propria e justa defesa.

Pois caro amigo, voce foi formidavel na sua "Uma Garçonne Carioca" e é sem favor que lhe manifesto abertamente esse meu agrado. Pena é, que, essa admiração venha de humilde Paulista que não tem a satisfação de lhe exprimir ainda melhor o quanto aprecio seu optimo trabalho.

Caro Yves, esperando um novo livro seu, creia que vou procurando tornal-o conhecido dos meus amigos como voce já o devia ser.

Com sinceridade, saudações do — *Jandyr*, ex-combatente."

NÓRA LISI (Bahia) — Ora viva! A Bahia, mais uma vez, vem provar que é a terra das moças intelligentes.

Na patria dos bons quitutes, as mulheres de grande belleza e talento constituem multidões, bandos numerosos como as borboletas nas claras manhãs de primavera.

Eis aqui mais uma bahiana intelligente:

"Bahia, Março de 1933. Yves... amigo. Perdôa a intimidade, sim?

Foi com grande prazer meu, que li, em o Fon-Fon de 4 do corrente, a resposta amavel, que deste á minha minuscula cartinha, resposta esta que muito me desvaneceu. Só mesmo o Yves cavalheiresco e "raffinée", seria capaz de responder tão lindamente a uma simples carta de uma desconhecida. A magnanimidade é propria dos que muito valem...

Nada tens que agradecer. Não fiz mais que exprimir muito singelamente a minha sincera admiração pela tua reconhecida intelligencia de poeta admiravel, "conteur" maravilhoso, romancista, e critico finissimo... Eu sim, é que tenho de agradecer as palavras gentis que tiveste para a minha humilde cartinha, pois não foi pequena a satisfação que tive ao saber que vaes guardal-a "*entre as tuas bellas coisas preciosas*"... Sabes que é grande honra para mim? Nunca a esperei...

Quanto ao meu nome, elle não te interessaria, desde que, não me conheces. Aliás, que vale a banalidade de um nome, ante o imprevisto e picante mysterio de um pseudonymo?

Compareço com um pequeno e malicioso "loup"... fazemos desejar conhecer a personalidade que se esconde sob semelhante disfarce...

Para terminar, consentes que eu te faça uma pergunta?

Eil-a: Quando darás ao publico avido de bôa leitura, um novo livro?

Podes crêr que espero com a maor impaciencia, a menor e a mais agradecida das t u a s admiradoras. — *N ó r a Lisi.*"

(*Cont. na pag. seguinte*)

que delicioso perfume!
A este esplendido producto devo a minha cutis fina, macia, avelludada, sem manchas, espinhas ou sardas! O sabonete de Eucalypto Beijaflor purifica o ar que se respira e hygienifica o corpo que o usa! Não acceitem imitações.
Exjam. só, o legitimo
sabonete de eucalypto
Beijaflor
para o banho e para a toilette

Juro como essa moça, é professora. Si não o é, com certeza, será medica, bacharel em direito, oradora, escriptora, ou portadora de outro titulo valioso...

Tambem poderá ser contadora — com o respectivo annel de turmalina côr de vinho...

Só desejo é que não seja poetisa... Ah, si fôr poetisa... Francamente, si fôr poetisa... eu irei já aprompiando a minha "cesta"... E lá se foi a sympathia que D. Nóra me offerece...

ANGELO (Pernambuco) — Pernambucano o sr.? Pois olhe: não dou parabens a literatura da minha nobre terra... O sr. é mau literato. Escreve pelo methodo confuso. Di e reli a sua carta e não cheguei a decifral-a.

O sr. fez uma charada... epistolar... E o conceito foi um soneto de pés quebrados...

A titulo de curiosidade, — e como homenagem aos charadistas brasileiros — quero publicar a sua carta. E dou um doce a quem entender o que o sr. quer dizer com a sua *charada*:

"Illmo. Snr. Yves. Senhor depois de tão longa viagem, como essa que se faz, na indecisão cruel de bom ou máo começo na prosa ou verso que se inicie, qual é aquelle que não sente gotejar pela face, o suor de amarga surpresa? por isto, agradeço-lhe a tão delicada poltrona — não a poltrona do seu gabinete — porém, a poltrona do seu bom acolho de delicadeza sem limite. Peço-lhe, com tudo, mil desculpas pelo incidente que, involuntariamente fui causador, pois, não sabia que, figurando o caminhar do amor, no meu ultimo soneto, fosse tão seguramente abalar os nervos do nobre e delicado amigo.

O Senhor que é o juiz e ao mesmo tempo, o algoz d'aquelles que sentem o imperioso desejo de produzir, devia ter um coração mais acostumado aos choques que diariamente, é forçado a suportar, não obstante, tão bem desempenhar a espinhosa missão que exerce. Agora que tudo é passado, eis-me a ocupar os meus dois palmos no banco de reus do seu tão justo tribunal. — *Angelo.*"

Vejamos agora a *belleza* (!!) do soneto. Dois pontos:

SOCEGA...

Socega, meu coração, esse alvoroço;
refreia essa paixão que te devora,
pois, és além de tudo assim tão [moço
e no futuro acharás tua melhora,

o conselho, oh peito, guarda com- [tigo,
magua cruel padece é quem per- [siste
de soffrer, no desgosto, o seu cas- [tigo,
aquillo que, talvez, nunca sentiste.

o castigo de ti é seres sosinho
com tua estreita a caminhar, se- [guindo,
até quando encontrares um certo [abrigo,

e poderais, então, dizer baixinho:
— Oh Deus, o meu soffrer já será
[findo,
ou dais, principio, agora, ao meu
[castigo?...

ANGELO

E, depois, o sr. ainda fala nos meus "nervos abalados"...

Pudera!

Para resistir a poetas como o sr., sem sentir os "nervos abalados", era mister revistil-os de aço... ou borracha...

Ou então o melhor seria conseguir uma lei do Congresso, autorisando os criticos literarios de revista a decapitar os poetas-tros e os mais literatos. As cabeças verdadeiras seriam substituidas por outras de papelão — como no conto magistral de João do Rio.

GUILHERME PATRICIO (E. do Rio) — Os seus sonetos não podem ser publicados. E não me pergunte por quê... Sinão porei tudo em pratos limpos... Sou capaz de dizer, muito em segredo, ás leitoras bonitas, que o sr. é um poeta de versos deploraveis...

E, como sabe, gosto de ser discreto. Não confio nas mulheres e receio que revelem a verdade...

De modo que é bom o sr. não indagar a razão por que seus sonetos foram para a cesta...

E, agora — adeusinho, ó vate!

CARIOCA (Capital) — E' pena que a não conheça, pessoalmente para lhe agradecer, de viva voz, as gentilezas que me dirigiu na sua cartinha verde-esmeralda.

A sua letra me diz que deve ser delicada, fina de trato, original, *coquette*, mas, por isso mesmo, caprichosa.

Veja si corrige esse defeito. As pessôas caprichosas soffrem por si e fazem soffrer áquelles que as estimam.

Diga-me: nos casos de amor, tambem é caprichosa?

MADEIRA DE LEI (E. do Rio) — Meu caro escriptor. Garanto-lhe a publicação do seu conto. A illustração, não é impossivel, mas é difficil. Vamos dar tempo ao tempo.

E' interessante notar como quasi todos os leitores me pedem obsequios... Si eu fosse attender a todos os pedidos que me fazem...

E por que será que nunca se lembram de fazer o que peço ou desejo?

YVES

Para Glorificação da Primavera:

LADRÃO DE ALCOVA

(Trouble in Paradise)

Uma obra de Ernst Lubitsch, com HERBERT MARSHALL KAY FRANCIS e MIRIAM HOPKINS

Seduzia-a numa, a tecnica do furto, na outra, a tecnica do amôr. Por qual delas se havia ele de decidir?

ADEUS ÁS ARMAS

(A Farewell to Arms)

com GARY COOPER, HELEN HAYES e ADOLPHE MENJOU

Ditou-lhe o Amôr sentenças que infringiam a disciplina militar. Mas perante as leis do Amôr, que são as leis dos homens?

CAFE' DO FELISBERTO

(Playboy of Paris)

o inesquecivel sucesso de

MAURICE CHEVALIER

Pela primeira vez na sua VERSÃO INGLEZA, onde tudo é diferente, — artistas, cenarios, decorações, continuidade cenica, etc.

ANNO XXVII — FON-FON — NUMERO 20

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1933

Paradoxos...

O meu ultimo sabbado foi um dia positivamente original, marcado com duas pedras brancas no kalendario da vida. Tão extraordinarias coisas posso condensar em duas phrases simples, que hei espantado a mim proprio da complicação do mundo em transformar o que é natural, honesto, puro, num vistoso rosario de amoralidade.

Por exemplo... A curiosidade do leitor vae ser satisfeita immediatamente. Percebo que me interrogam, na ansia do conhecimento do meu ultimo sabbado, um dia que podia ser igual aos outros, monótono, vazio, sem uma nota emotiva, até mesmo sem o travo amargo da saudade de um beijo de mulher... Justifico a curiosidade alheia, mas antes de satisfazêl-a, tenho de resolver o meu embaraço de chronista, na preferencia da exposição daquelles factos, dois, aliás, que forneceram o motivo para estas divagações. Acceito a logica da mathematica: a ordem dos factores não altera o producto. Começo... A tarde cinza não pedia philosophia, mas, a gente sempre encontra, ao léo da vida, motivos para dar trabalho ao cerebro, centro motor das idéas.

Foi o primeiro caso o meu encontro com uma distincta senhora que trazia nas mãos um livro de titulo original: *O matrimonio perfeito*. Arrisquei uma pergunta: si essa coisa ainda existia sobre a terra...

E a illustre dama, com não menos illustre convicção, declarou-me que sim, que existia o matrimonio perfeito, tanto na terra como no céu! Ella estava entre as mulheres venturosas, que no casamento só havia encontrado alegrias, e que não admittia igualmente um esposo melhor que o seu. Constatei essa felicidade tão fóra dos nossos dias de profunda descrença do casamento, encarado como causa e effeito da desorganização social.

Eva ali estava á minha frente, lia-lhe no brilho dos olhos a ternura do seu coração, sorrindo para o mundo dentro do pequenino mundo do seu lar, como si outra felicidade não existisse além das fronteiras demarcadas pelas roseiras que ella plantou e cuida com especial carinho.

A primeira surpreza daquelle sabbado. O casamento perfeito existe... Eva é quem affirma!

Adeante. Fazia compras junto a um balcão, admirando a astucia do negociante querendo impingir-me artigo de péssima qualidade como bom, além do preço aladroado. E aproximou-se uma creatura de ar singello, modesta de roupas toda pureza. Abriu a bolsa, tirou de dentro o dinheiro, espalhando-o á vista dos nossos olhos.

— Aqui está — dizia: — dei ao senhor, dez mil reis para pagar uma compra de seis. Recebi troco de cincoenta. Venho restituir o que não é meu. Comprehendi o pasmo do negociante. Elle nada perderia com o engano, porque o empregado, o caixa pagava pelo erro, si por cima não fosse taxado de traficante. Mas, o negociante interrogava, atonito, intimamente: então sempre havia uma pessôa honesta?!... Si havia... Ali estava, ao nosso lado, um symbolo. A camada que não foi ainda tocada pela seducção do dinheiro e não deitou ainda a moral na lata das coisas inuteis resgatava, com um gesto, o conceito de que a honestidade em materia de dinheiro já não existe...

Eis por que marquei o meu ultimo sabbado com duas pedras brancas.

Mario Poppe

Rendas de espuma

O lencinho de rendas

— O sr. é supersticioso, doutor?

— Muito! — declarou o dr. Tulio Berto.

— E' interessante! — commentou Regina, com um sorriso.

Ambos sentaram-se na pedra de um banco do jardim.

A dolencia de um crepúsculo, civilizado e tranquillo, descia sobre a quietude das arvores. Um crepúsculo, que era um sonho fôsco e moribundo. Em torno, o largo dominio da penumbra e do extase. Um socego triste envolvia as coisas de doçura.

Tulio Berto disse, então, como quem fórça uma confidencia:

— Quer você saber uma das razões por que sou supersticioso?

— Um homem de espirito não tem esse direito, dr. Tulio.

— Ora, os sabios e os heróes, na sua maioria, foram e são individuos supersticiosos. Napoleão tinha horror ao pio das corujas. Considerava-as as aves do azar. Carlos V embirrava com o numero 7. Mme. Pompadour não supportava os gatos pretos. Baudelaire via nos espelhos, que se lhe quebravam nas mãos, um mau prenuncio. E quantos outros não eram e são assim?

— Sábios e heróes?

— Homens de genio... Homens super civilizados...

Regina sorriu maliciosamente:

— E' por isso que o doutor os imita?

— Oh!... — exclamou Tulio, desolado. — Não faça ironia commigo. Não se esqueça de que sou muito seu amigo...

Regina desculpou-se:

— Bem. Queira perdoar-me. E conte lá o motivo da sua superstição...

O dr. Tulio Berto estirou os olhos, pensativos e amaveis, por sobre a tarde lenta e desmaiada. Disse, numa dôr recordativa:

— Eu tive um bello romance de algumas semanas. Uma artista.

Friso esse detalhe porque nella o que mais impressionava era o seu espirito. Era a sua arte admiravel e a sua illustração. Como mulher, seu typo era commum. Morena. Esguia. Um rosto illuminado por um sorriso de creança. Uns dentes que pareciam reclame de pasta dentrificia. As mãos, uma delicia de sêda e affagos. Nervosa. Vibrante. Fidalga.

— Mas... E a superstição? — impacientou-se Regina.

— Espere.

E depois de uma pausa:

— Uma noite — e quando o nosso romance se transformou num encanto de almas lyricas — ella teve a má lembrança de offerecer-me um presente...

— Nesse caso, foi apenas gentilissima.

— Mas não é isso. O presente... O mimo era um lencinho de rendas, ensopado de perfume... Pensei commigo: "Lenço... Separação, traduz o vulgo. Lenço... Fim de romance, digo eu".

— E romperam?

— Na mesma noite.

Regina teve um lamento sincero:

— Oh, que pena, doutor!

Tulio calou-se um instante, pensativo. Regina voltou-se, risonha, para o rapaz:

— E que fez do lencinho?

— Guardo-o como um symbolo.

— E por que não o queima?

O dr. Tulio suspirou, num remate:

— Que profanação! Seria queimar a imagem de um sonho lindo...

YVES

Senhorita Pilar Ferrer, jovem pianista de São Paulo, que veiu mostrar ao Rio a sua graça pessoal e os primores de sua arte.

FON-FON em PARIS

PARIS iniciou a estação theatral, dizem os velhos criticos, com um "eclat" sem precedente e com um movimento de enthusiasmo e luxo como nos bons tempos de "avant-guerre". Por mais extraordinario que isso possa parecer, esse movimento desusado se deve á morte de Brieux e á vaga por elle deixada na Academia Franceza. Partindo do principio de que o "fauteuil" immortal deveria ser occupado por um homem de theatro, 3 candidaturas foram apresentadas: a de Henri Bernstein, a de Sacha Guitry e a de Francis de Croisset. Difficil escolha, ardua batalha travada entre os 3 maiores e mais prestigiosos nomes do theatro francez actual. Quem será o eleito? Talvez um quarto, bem mediocre, escolhido como "mediador" a uma embaraçosa eleição. O que é certo é que a batalha começou com o inicio da estação theatral e... sem derrotas! Bernstein deu-nos *Bonheur*, no Gymnase; na vespera, Croisset nos dera *Vol Nuptial*, e, no dia immediato, Sacha apresentava *Chateaux en Espagne*. Convidado pelos autores, o FON-FON, que é a unica revista brasileira popular nos circulos artisticos de Paris, em proximos artigos dará conta dessas "premières", iniciando a série com a de Sacha Guitry.

O illustre autor francez escapa a toda jurisdicção critica, pondo-se *en dehors et au-dessus* de todas as leis do theatro, si é que ellas existem, manobrando sempre á sua vontade para escandalo dos velhos technicos do genero. Encanta a uns, choca por vezes os delicados, mas, como não tem que dar contas a n i n g u e m, todas essas reacções lhe são indifferentes. "Quem me ame, quem me admire, que me siga". Eis a sua divisa. Ora, o publico parisiense ama e admira Sacha, isso é incontestavel, e os applausos que marcaram longamente o seu apparecimento em scena, nessa première memoravel, prova sobejamente que elle está disposto a seguil-o, seja aonde fôr. *Chateaux en Espagne* é uma comedia ligeira, com um enredo banal e phrases admiraveis, com frases bôas, mas com muitas déllas de um comico "gras", que fizeram cerrar as sobrancelhas a muita gente, e que não seriam acceitas, em nenhuma hypothese, si outro fosse o seu autor, mas que, firmadas por Sacha, parecem "charmantes". Cinco minutos após o inicio da comedia, de uma fórma mais que abusiva, tinha elle posto á prova o seu publico e, convicto da victoria, deixava galopar

SACHA GUITRY

"AVANT-PRÉMIÉRE" DE "CHATEAUX EN ESPAGNE". — SACHA FALA AO "FON-FON" SOBRE A ACADEMIA FRANCEZA, LUCIEN GUITRY E A DECADENCIA DA LITERATURA FRANCEZA

por Bricio de Abreu (Correspondente especial de "Fon-Fon" em Paris)

a sua phantasia de "enfant gaté".

Os convidados de um jantar de gala aborrecem-se enormemente e um pintor, Larmandie (Sacha), imagina, então, uma tombola onde o grande premio seria uma ceia *têtе-a-téte* com uma mulher presente, á escolha do victorioso. Eis toda a comedia. Premiado, Sacha escolhe a noiva dum velho inimigo de collegio, uma deliciosa creaturinha, prestes a se emancipar, que, si ainda não era amante do noivo, passa a sêl-o de... Sacha. Uma viagem pela Hespanha coroa o êxito donjuanesco. Mas Sacha é um homem espiritual, ligeiro, muito acima das preoccupações humanas, um pintor, um sonhador. Ella não encontra nelle o ser masculino e seductor da apparencia e, quando voltam, após uma viagem maravilhosa, marcam rendez-vous, ao qual ambos se esquecem de ir.

Eis a peça de Guitry. O que a caracteriza, dando-lhe um sabor novo e particular, é que as suas melhores scenas não têm senão uma correlação vaga com o scenario. Isso irritou a velha critica, fez o enthusiasmo dos novos e o êxito da peça.

Gaby Morlay, creadora das peças de Bernstein, abandonou-o. Ivonne Printemps toma o seu logar, divorciando-se de Sacha. Este, calmamente, lança uma outra figura nova nos scenarios parisienses e com enorme êxito: Jacqueline Delubac.

Eu tinha assistido a alguns ensaios da peça e havia notado que Sacha desde varios dias não sorria. Uma preoccupação dominava-o. Medo? Nervos? Qui lo sa? O que é certo é que na noite da "general", quando fui felicitál-o no seu camarim, com Charles

(Conc. no fim da revista)

A VIDA CHORA E CANTA...

Nós dois — deante de nós, a vida canta
e chora...
Canta no aroma da flôr que se levanta,
entre espinhos, no jardim, lá fóra.

A vida canta e chora
— no repique de um sino, na distancia...
— na musica vadia de um garôto,
que passa, cheio de ansia,
pela tarde, entoando uma canção qualquer...

A vida chora e canta,
como uma mulher.

Nos beijos de amor dos namorados
e na festa de côres dos crepúsculos doirados,
ante a morte do sol e ante a ascenção da lua.

Nós dois... a minha mão e a tua...
Em teus olhos tão negros e tão grandes
os segredos de tua alma expandes,
numa triste expressão
de resignação,
que ainda é muito mais triste nesta hora.
A vida canta e chora...

Deito a vista serena na paizagem
e vejo que a tua imagem
tem, neste quadro, irradiações de santa...
A vida chora — e canta!

(Do livro "Jardim Suspenso", inédito.)

FILGUEIRAS LIMA

Domingo ultimo, celebrou o Real Gabinete Portuguez de Leitura o seu 96.º anniversario, festejando essa data com uma sessão solemne, que se realizou sob a presidencia do sr. embaixador de Portugal. A gravura acima representa o acto da entrega de diplomas de socios honorarios pelo sr. dr. Martinho Nobre de Mello.

GLYCINIAS

O telephone sempre foi o meu maior inimigo. Toca para o meu coração a symphonia da esperança, promette-me a felicidade e depois emmudece...

Aonde quer que eu vá, levando commigo esta sensibilidade angustiada e intranquilla que me apresenta um mundo de poesia e de sonho, o telephone me acompanha com as suas illusões e as suas mentiras, nas quaes eu sempre, ingenuamente, acredito...

Ouvi, pelo telephone, a tua voz longinqua e triste como a voz de Maria Duplessis, e acreditei que tu voltasses cheia daquella exaltação amorosa em que envolvias, outróra, a minha alma insatisfeita.

Mas não me lembrei que sempre falham, na minha vida, as promessas telephonicas.

E tu, princeza invisivel, resurgindo assim, foste mais uma doce mentira que o telephone me offereceu.

O sr. embaixador de Portugal entre as altas personalidades da colonia portugueza que assistiram á solennidade commemorativa do 96.º anniversario da fundação do Real Gabinete Portuguez de Leitura, domingo passado.

A DUVIDA...

(PALAVRAS SOLTAS)

Aluizio Napoleão, filho do illustre advogado e antigo parlamentar dr. Hugo Napoleão, é um moço de intelligencia clara, que muito promette ás nossas letras pela estranha sensibilidade que revela e pendores artisticos que demonstra. Os pensamentos que, sobre a duvida, Aluizio Napoleão acaba de offerecer a FON-FON representam primicias de raro brilho, após as quaes qualquer espirito bem formado facilmente descobrirá outras, igualmente penetrantes de philosophia, e da arte subtil de entender e explicar a Vida...

A vida é um eterno conhecer. E o conhecimento augmenta, cada vez mais, á medida que abrimos a cortina da Realidade do Universo. Mas essa cortina, para os homens, talvez nunca se descerre completamente...

A confiança em Deus não é propriamente uma confiança; é a desconfiança (supposição duvidosa) de que seja Elle a Causa do Universo.

O genero humano é incontestavel nas pesquisas das verdades, mas é obrigado a se satisfazer, apenas, com os vislumbres incertos da Grande Verdade...

O espirito vive numa eterna interrogação a si mesmo numa ansia incontida de conhecer a Causa Integral...

O martyrio da duvida é o estimulo-esperança para os conhecimentos parciaes...

A idéa do Infinito é a idéa do proprio Deus. Para chegarmos a Elle é preciso que nunca deixemos de andar...

A harmonia do Cosmos só serve para fazer-nos pensar, sempre, na existencia de Deus...

O Deus é o impossivel, pois é preciso que Elle seja dotado de tudo, e tendo esse tudo, cahirá fatalmente na lei do contraste... E' a duvida da duvida.

Se Elle existe realmente, deve estar rindo da nossa duvida e da nossa ansia; dessa duvida e dessa ansia que nós proprios creamos pela nossa intelligencia — nós ou Elle? — e que nós proprios nos mettemos a descobrir pelo pensamento, aquillo que o "proprio" pensamento construiu...

A's vezes, pensa-se que a duvida acabará, com a Morte. Mas ahi a duvida ainda é mais cruel...

Si a verdade fosse descoberta, acabaria a razão de ser da Vida, pois a Vida é a duvida, é a verdade a descobrir...

A alma é uma escala de esperança para se chegar a Elle, mas ella vem ainda mais reforçar a duvida. Nós olhamos, pensamos e sentimos a alma, mas não sabemos a sua causa, a sua substancia...

Quizéra eu poder — ao menos como fé — fazer da duvida certeza. Mas-mo assim — tenho a impressão — voltaria novamente á duvida e ficaria num circulo vicioso: da certeza (pela fé) para a duvida, e desta novamente para aquella...

A fé não é uma certeza, é um descanço para o espirito não continuar como o meu... na duvida...

Emfim, a duvida para a consistencia é mais logico e mais certo. Si a Morte nos desvendar a Verdade, a duvida acabará, juntamente com a Vida; e se acaba com a Vida é porque esta era uma duvida... e a Morte — (?...) será a luz da verdade...

Eternamente a duvida...

ALUIZIO NAPOLEÃO

De passagem para Buenos-Aires, visitou o Rio de Janeiro na penultima sexta-feira o distincto diplomata equatoriano sr. Augusto Aguirre Aparicio, que vae assumir o seu cargo de ministro do Equador na Argentina. Seu collega nesta capital, ministro Robalino Davila, offereceu-lhe um almoço na legação do Equador, onde foi tomada esta photographia, na qual apparece o antigo chanceller equatoriano em companhia do ministro Robalino Davila, do embaixador da Argentina, do ministro do Perú e de outras figuras destacadas do corpo diplomatico.

O dr. Helio Lobo, illustre escriptor e diplomata, membro da Academia Brasileira de Letras, antigo ministro do Brasil em Haya e figura de relevo na sociedade brasileira, chegou ao Rio na ultima segunda-feira, recebendo, por occasião de seu desembarque, expressivas homenagens dos amigos e admiradores que foram cumprimental-o no cáes de Mauá. O dr. Helio Lobo viajou no «Andalucia Star», acompanhado de sua exma. familia.

A nova directoria da Associação Brasileira de Imprensa foi empossada em brilhante solennidade, que se realizou no ultimo sabbado, no salão nobre da séde da rua do Passeio, onde se reuniu uma assistencia composta de intellectuaes e jornalistas, afim de homenagear os collegas eleitos para dirigir os destinos da A. B. I. durante o periodo de 13 de maio de 1933 a 13 de maio de 1934 e, tambem, para ouvir a palavra eloqüente do embaixador Roberto Cantalupo, na cerimonia que se seguiu á da posse: a assignatura do tratado de reciprocidade de direitos entre os socios da Associação Brasileira de Imprensa e os do Sindicato Fascista dei Giornalisti di Roma. No alto desta pagina vêem-se os novos directores da A. B. I., srs. Herbert Moses, Heitor Beltrão, Borja Reis, João Alfredo Pereira Rego, Annibal Martins Alonso, Martins Capistrano e Oswaldo de Souza e Silva. As outras photographias focalizam aspectos da solennidade de sabbado.

Caverna de Ali Babá

João Lyra Filho é uma figura que se destaca nos meios literarios do paiz pelo seu talento polymorpho. Nelle temos o poeta, o critico de arte — de capacidade indiscutivel; — o orador, o «conteur» de imaginação seductora e o ensaista. E' uma mentalidade que encanta. A sua bagagem não se valoriza quantitativamente, mas, qualitativamente. Exemplo: «Voz das Vozes», poema; «Palavras de Saudação», discurso; «Triangulo de fogo», contos onde se apuram as suas qualidades inventivas e estylisticas. Agora, elle nos dá um trabalho novo, e que revela mais um aspecto da sua intelligencia: «O Sertão social. Nessa obra João Lyra Filho consubstancia um estudo criterioso e acurado de sociologia collectiva, como bem esclarece, numa synthese. E' claro que, com essas credenciaes, o autor poderá contar com pleno exito de livraria.

PENSAMENTOS DE VICTOR DE LA FORTELLE

Basta circular um quarto de hora em Paris para ouvir a gente rueira tratar-se de imbecil com todas as letras e para verificar que essa opinião sobre suas faculdades seus conceitos e methodos de raciocinio affecta no mais alto grau tanto os automobilistas como os ciclystas ou os povos, todos, em summa: a humanidade em geral. E' que somos extremamente orgulhosos de nossa intelligencia!

*

O que caracteriza a situação actual do mundo é, primeiro, uma paz relativa entre as potencias e no interior de cada nação; em seguida, certos symptomas morbidos: sem-trabalho, instabilidade monetaria, superproducção e penurias geographicamente alternadas, incerteza politica do futuro e dissolução da familia — cellula social.

*

O aço das machinas, o cobre dos fios electricos, as correias de transmissão se transformam numa ordem de forças menos pensantes, porem que agem com um poder que nenhum instrumento permitte medir e que escapam, nas suas consequencias, a todas as nossas previsões: taylorização, superproducção, accumulação de stocks, taes

Mais um livro de ficção, um poema em prosa, — «Caravana do Sonho» — enriquece a literatura nacional e as montras das nossas livrarias. Seu autor: Solfieri de Albuquerque. Poeta e prosador, dos mais brilhantes, Solfieri de Albuquerque é um nome sobejamente conhecido. Quando mais não fosse, bastava para isso aquelle seu famoso «Soneto de Bronze», onde é gravada, com recortes masculos, a insigne figura de Pinheiro Machado. Esse soneto, — todos que lêem o sabem — fez a sua época e deu um renome invejavel ao seu autor. Dahi para cá, muito ganhou em brilho e força a arte de Solfieri de Albuquerque, que, ainda agora, conquista, com a «Caravana do Sonho», um logar de indiscutivel destaque, entre os espiritos illustres da sua geração.

são os sub-productos da Materia typo 1932 — Materia elles proprios!

*

Por que não imaginar que os movimentos de nossos cerebros, correspondentes aos pensamentos que falamos no silencio, serão um dia reproduzidos por uma placa sonora, como as vibrações no apparelho telephonico repetem as palavras pronunciadas pela voz humana?

*

A materia está em tudo. Cada acto trivial de nossa vida quotidiana se acha condicionado pelas formas materiaes que lhe impomos, pelos attributos que lhe demos, de modo que age sobre nós como contra choque, por meio desses attributos e formas. Se não, vejamos o quadro destas imagens equivalentes:

Despertar — campainha mechanica.
Banho — aquecimento mechanico.
Itinerario — metropolitano — automovel.
Refeição — cozinha a gaz.
Trabalho — telephone—machina de escrever.
Noite — electricidade.
Diversão — cinema — radio.
Dança — victrola.
Inverno — irradiador.
Verão — ventilador.
Viagem — caminho de ferro, vapor, avião.
Lesão — raios-X.
Guerra — productos chimicos— armas automaticas.

SÉSAMO

O dr. Agenor Cupertino de Barros, medico pela Universidade do Rio de Janeiro, conceituado clinico em Goyaz, acaba de fazer, nesta capital, varios cursos de aperfeiçoamento com os mais acatados mestres da medicina, devendo regressar por estes dias ao Estado onde exerce a sua proficua actividade.

As professoras da turma de 1932 da Escola Normal de Nictheroy e do Lyceu de Humanidades Nilo Peçanha collaram grão no ultimo sabbado, em linda festa realizada no salão nobre daquelle estabelecimento. O «clichê» desta pagina focaliza aspectos da solemnidade, vendo-se as novas professoras fluminenses em companhia de seu paranympho, o professor Armando Gonçalves.

TREPAÇÕES

Sidney, filhinho do dr. Nelson Pereira de Souza e de d. Alice Rebello de Souza.

FOI confiar demais... Dahi o dissabor por que a loura senhorita passou. Foi mesmo uma decepção para ella, a leviandade da amiga. Realmente, que coisa deploravel! Tambem de quem a culpa? Ah, a culpa foi de ambos, isto é, da amiga da loura e do predilecto desta...

O caso se conta deste modo: a loura fazia da outra, a sua amiga, uma confidente invejavel. Estava certa de que ella guardaria os seus segredos (mulher guardar segredo de mulher?) e, mais ainda — julgava que ella fosse incapaz de enganal-a com o seu *flirt*.

Que faz a loura, afinal?

Tendo de ausentar-se do Rio, e não podendo communicar-se com o industrial — o heróe desta *trepação* — encarregou a *outra*, a sua confidente, de substituil-a nesse espinhoso mister do coração...

A amiga, que, por signal, é uma encantadora morena, não fez a menor objecção: acceitou de bôa mente a delicada e agradavel incumbencia...

E, todos os dias, ei-la a "desempenhar a sua missão", ali na praia, — ás vezes, em pleno traje de banho — e, si a loura recommendou que ella agisse de certo modo, ainda fez melhor...

E' pelo menos isso o que se deprehende do caso... Porque, regressando, inopinadamente, a esta capital, por motivo de doença em pessôa de sua familia, mlle. teve o desprazer de vêr que o seu predilecto havia preferido a sua amiga...

Resultado: rompimentos, odio, recriminações, desculpas do ingrato e da leviana... Mas, a verdade é que a trahida permanece inflexivel...

Agora, o que é interessante é que a morena, a que enganou a outra, não é mais vista na praia em companhia do industrial... O encontro delles agora é na cidade e, aos domingos, na missa...

Mas, onde essa missa? Até ahi não chegaremos nós...

Antoinnette é o nome desta linda menina, parisiense, a saudade e o encanto de sua tia, senhora Josephina Marcou, residente nesta capital.

—SIM?...

— Não. Não póde ser. Não farei isso. Comprehenda que sempre vivi honestamente e uma aventura como a que me propõe é até offensiva á minha dignidade...

— Mas, minha querida, o que lhe proponho é a coisa mais natural possivel. Não vejo mesmo motivo para que se sinta offendida. A não ser...

— A não ser o que?

— Que estivesse a ludibriar-me quando me disse que correspondia inteiramente ao meu amor e que por mim tudo sacrificaria...

— Sim; não esperei nunca esperei, porém, que chegasse a exigir de mim semelhante sacrificio, uma prova de...

— De amor e mais nada.

— Amor! Então acha que isso e só isso seja o amor? Isso é apenas uma manifestação material do amor, uma das suas expressões mais inferiores. Infelizmente, vocês, os homens são todos a mesma coisa, incapazes de sentir uma affeição elevada, nobre, pura, por uma mulher...

— Obrigado. Escute: vou lhe provar que sou um cavalheiro, respeitando os seus escrupulos e afastando-me de você. Não nos comprehenderiamos nunca e será bem melhor para ambos que nos separemos agora, como vou fazer. Adeus...

— Adeus! Não! Não! Você é que não está me comprehendendo, meu bem... Vamos aonde quer me levar... Lá, depois, conversaremos melhor, sim?

— Mas, com os escrupulos que acaba de manifestar, não sei si ficaria bem leval-a aonde queria...

— Ah! isso não tem importancia... Agora, lembro-me... Conheço um ponto optimo, discreto, discretissimo... Fique ahi um instante emquanto telegrapho para lá, avisando...

O cavalheiro, decepcionado, murmurou qualquer coisa entre os dentes, mas ficou firme, á espera da sua casta Suzana...

Maria Helena, filha do dr. João de Deus Pires Leal, ex-governador do Piauhy.

TRES POEMAS

SUBMISSÃO

Si todas as distancias
se annullassem,
todos os impossíveis não existissem,
todos os empecilhos se anniquilassem,
e tu fumasses muitos cigarros
uns sobre os outros,
dentro de tua solidão
eu me equilibraria
elastica e etherea
na ultima espiral ondulante...
E minhas aspirações
morreriam inúteis
esmagadas pelos teus lábios...

MOBILIDADE

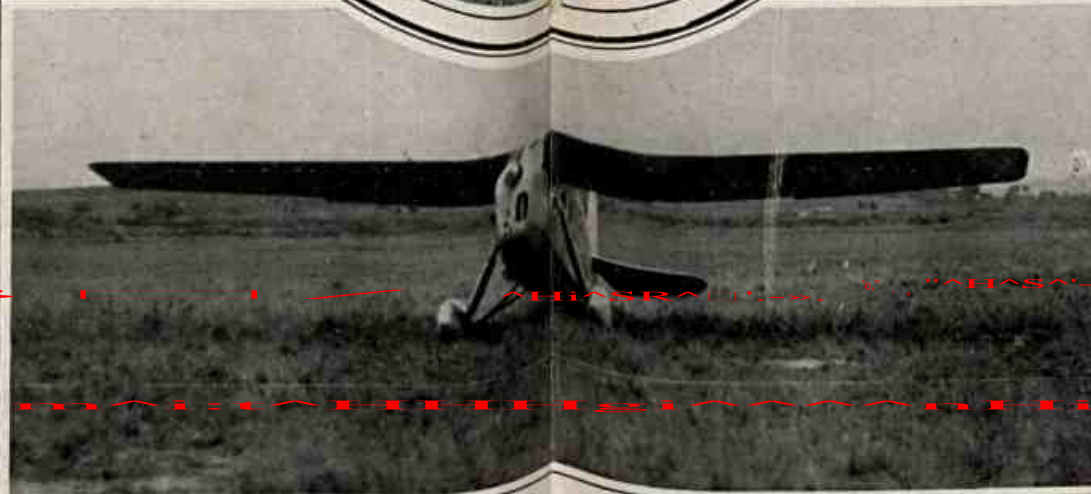
Seguir-te-ei pelos caminhos rectos,
pelas estradas sinuosas,
seguir-te-ei para onde fores:
meu amor,
não havemos de conhecer
o tédio dos ambientes iguaes,
nem a repetição monotona
dos mesmos traços
e das mesmas côres.
As paisagens se desdobrarão
sempre differentes
deante de nós...

ILLVSÃO

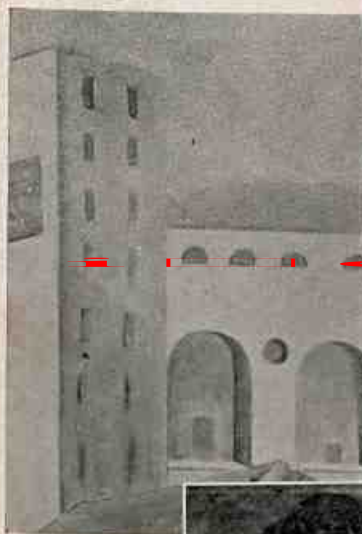
Creancinha pobre:
eu quero que tu sejas igual
a todas as outras creanças
deste mundo.
não te privarei do melhor bem
da vida.
Toma esse brinquedo.

Ida Ucchôa

Inaugurando o seu restaurante, a Casa do Estudante do Brasil offereceu na penúltima quarta-feira, 10 do corrente, um almoço á imprensa e ás associações de estudantes. Presidiu ao ágape a senhora Anna Amelia Queiroz Carneiro de Mendonça, que se sentou á mesa ao lado do reitor da Universidade do Rio de Janeiro. Não houve oradores durante o almoço, que decorreu, assim, cheio de interesse pela «eloquencia» dos pratos... Está na gravura de cima um aspecto da grande mesa do almoço dos estudantes.

Sob a presidencia do dr. Lourival Fontes, director da secretaria do gabinete do interventor Pedro Ernesto, e presidente do Conselho Consultivo de Turismo da Prefeitura, reuniu-se segunda-feira, na séde do Touring Club do Brasil, a Commissão Executiva dos festejos de Junho proximo, os quaes constituem o attrahente «Mez da Cidade» e fazem parte da temporada official de turismo da Prefeitura. Nessa reunião, tomaram parte, além do dr. Lourival Fontes, os srs. Octavio Guinle, presidente do Touring Club do Brasil; P. B. de Cerqueira Lima, Juvenal Murtinho Nobre, José Maranhão e Berilo Neves, directores da mesma instituição; Herbert Moses, presidente da A. B. I., e Vasco Lima, director de «A Noite», que teve a feliz iniciativa desses festejos.

O VÔO DE SKARZYNSKI

O aviador polonez capitão Stanislaw Skarzynski, que na penultima quinta-feira «aterrissou» no Campo dos Affonsos, e foi ali recebido pelo ministro de seu paiz, autoridades brasileiras e elevado numero de admiradores dos heróes do espaço, acaba de realizar, com o seu arrojado vôo Polonia-Brasil, um feito que o coloca entre as grandes figuras da aviação contemporanea. Skarzynski veiu de Varsovia ao Rio em menos de um mez, pilotando um avião typo R. W. D., construido pelo engenheiro Drzewiecki, que se vê no medalhão, junto ao apparelho no qual seu glorioso compatriota vem de bater o «record» mundial em linha recta na travessia do Atlantico. Esta pagina focaliza ainda varios flagrantes da chegada do aviador Skarzynski, que nos mesmos apparece acompanhado do ministro Thadeu Grabowski e das demais pessôas gradas que o aguardavam no Campo dos Affonsos. Uma outra photographia mostra o aviador polonez entre compatriotas seus, na séde da Sociedade Polonia.

Inaugurou-se mais uma exposição geral, na elegante séde da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel. E' o 5.º Salão dos Artistas. Concorrem os nossos melhores pintores e esculptores, numa variada e brilhante collecção de cem obras. E alli vemos, por entre esculpturas de Cozzo, Nicolina e Honorio Peçanha, os quadros de Portinari, Hernani de Irajá, Oswaldo Teixeira, Celso Kelly, Georgina de Albuquerque, Carlos Oswald, Lucilio, Ruy Campello, Gilberto, Faria, Vicente Leite, e tantos outros, que constituem os bons elementos da pintura nacional. Encontramos, também, a figura suggestiva de um pintor argentino - Octavio Pinto, e a collaboração lu-minosa do Principe Gargarin e do sr. Ismailovski. O Salão é das melhores exposições que se têm feito no Rio, e sua inauguração, com a presença de autoridades, diplomatas, intellectuaes e personalidades mundanas, foi um grande acontecimento social e artistico. Apresentamos, nesta pagina, um flagrante do acto inaugural do 5.º Salão dos Artistas Brasileiros, e photographias dos seguintes quadros que alli figuram: «Natureza morta», de Oswaldo Teixeira; «Trecho da Cidade», de Celso Kelly; «Retrato do Embaixador Alfonso Reys», de D. Ismailovitch, e «Salomé», de Hernani de Irajá.

O nosso «cliché» focaliza um aspecto do concorrido embarque do commandante Cicero Marinho, que seguiu, no dia 11 do corrente, a bordo do «Ávila Star», para Barrow, na Inglaterra, em missão especial do governo brasileiro, afim de fiscalizar a construcção do navio-escola «Saldanha da Gama», que o Brasil mandou alli construir. O commandante Cicero Marinho apparece, na photographia, ao lado de sua exma. esposa, que o acompanha nessa viagem, e cercado pelas pessôas de suas relações que compareceram ao embarque do distincto casal.

Noivado desfeito

A noite toda era só de Saturno e da Lua. Eram noivos, e a Lua tinha um annel igual ao de Saturno.

Num crepúsculo, a Lua "flirtou" com o Sól, provocando ciúmes de Saturno. Houve uma rusga, e ella partiu o annel de noivado nos milhões de pedacinhos que são as estrellas.

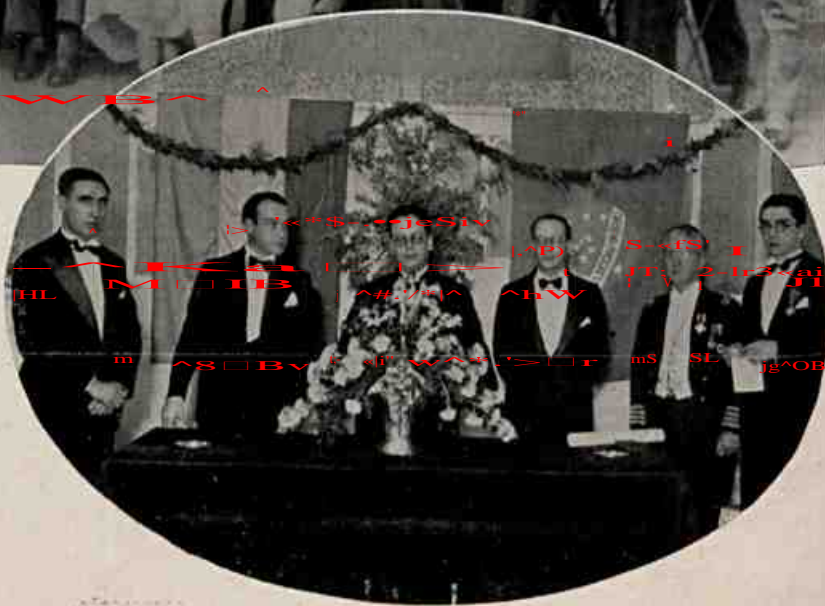
Constante como os homens, Saturno mantém, apaixonado e soturno, seu annel de quasi viuvo.

E a Lua, fingida como as mulheres, disfarça que ama o Sól, mas nunca poude esconder a profunda tristeza do olhar prateado que deita sobre a Terra.

MAURICIO PINHO

Em commemoração ao 124.º anniversario da fundação da Policia Militar do Rio de Janeiro, realizaram-se sabbado ultimo varias solennidades civico-sportivas no quartel da rua Frei Caneca e no da rua São Clemente, onde se exhibiram, em provas emocionantes, muitos soldados daquella prestigiosa corporação.

O Asylo de N. S. de Pompéa é uma instituição de caridade que muitos beneficios presta ao Rio de Janeiro. Reconhecendo isso, o dr. Raul Leite proporciona ás asyladas daquella casa trabalho da feitura de caixas para os innumeros preparados de seu laboratorio. E' uma louvavel maneira de auxiliar o Asylo. O dr. Raul Leite, acompanhado de sua exma. senhora e filha, acaba de fazer uma visita á séde do Asylo N. S. de Pompéa, onde foi tomada esta photographia, na qual apparecem, tambem, o desembargador Vicente Piragibe, o dr. Felippe Cardoso, o industrial Pereira Leite e outras pessôas gradas.

O empresario M. Pinto reuniu em uma festa de cordialidade, no restaurante da Urca, varios homens de imprensa, aos quaes offereceu, para commemorar o primeiro centenario de «A Canção Brasileira», um «cock-tail» entremeado de amavel palestra a respeito de theatro.

No medalhão: mesa que presidiu á sessão solenne da Academia Petropolitana de Letras, na qual o sr. ministro da Bolivia entregou ao professor Cardoso de Miranda, director do Museu Historico de Petropolis, a condecoração da Ordem del Condor de los Andes.

Crueldade

Conto de Gilberto Veiga

— DEUS o salve, patrão. Cá estou, de volta.

— Foste feliz?

— Sim, senhor. As orelhas do moleque estão nesse saquinho. Com certeza, a estas horas, os urubús já deram cabo do resto do maldito.

E Corisco, unindo o gesto á palavra, entregou a seu coroné um pequeno sacco de valença, sujo e nojento. O coronel desatou, calmamente, o coroá que o fechava e contemplou, com diabólica volúpia, o macabro objecto que lhe trouxéra o cabra. Eram duas orelhas humanas, ainda frescas, pingando sangue. Depois, ordenou ao caboclo que fosse levar aquelle presente a Maria do Sapé.

Corisco, obedecendo immediatamente ás ordens do patrão, entrava, pouco depois, na casa do velho Tiburtino, avô e pae de criação de Maria. A moça estava fazendo renda na almofada de bilros. Quando o capanga lhe entregou o presente, dizendo-lhe que aquillo eram os abanos do seu namorado, do seu xodó, do seu rabicho, ella teve um assomo de cólera, de loucura e, feroz, brutal e grandiosa, lançou-se sobre o homem; mas, fraca, impotente para estrangulál-o, mordeu-lhe as mãos e feriu-lhe o rosto com as unhas. Porém, foi só. Corisco, com um empurrão grosseiro, pôz fim á scena desigual.

O pae-velho andava na roça. Desde o dia em que seu coroné ameaçára de morte o noivo de sua neta que elle deixou de sorrir. O homem, quando dizia, melhor fazia. Por isso, tendo a certeza de que o coroné levaria a effeito o seu intento desalmado, o velhinho perdeu a alegria e andava falando sózinho, meio pancada. Elle queria tanto bem ao rapaz! Achava-o bom, trabalhador, honesto e cumpridor dos seus deveres. Quantas vezes não deixára a neta em sua companhia, sózinhos ambos, tendo a convicção de que elle não lhe macularia a honra! Tudo corria tão bem! Um dia, o maldito patrão soube do namoro. Correu á casa do velho. Tinha, nessa occasião, os olhos vermelhos como duas brazas e as narinas dilatadas como as de um potro. E, com a voz rouquenha, fanhosa, intimou a moça a acabar com aquella pouca vergonha. Não queria — disse — aquelle descaramento na sua fazenda. De nada valeram o appello do avô e as lagrimas da neta. Tudo baldado! O homem estava possesso e era duro como beira de sino! Como visse que Maria se mostrava, no seu desconsolo, inabalavel e afflicta, disse-lhe friamente que ia mandar matar o atrevido, e que ella, Maria do Sapé, havia de ser delle, custasse o que custasse! Ha muito que o seu desejo era grande. Agora, porém, que ella lhe queria fugir das mãos, elle, o coronel Leoncio Guedes, saberia detêl-a. Tiburtino procurou tocar as fibras mais sensiveis do coração daquelle selvagem. Impiorou, pediu, pelo amôr de Deus, pelo bem que elle, o seu sinhô, queria a sua mulher e aos seus filhos, que deixasse em paz a sua netinha e o seu noivo. Elles se gostavam. Que se casassem, era a vontade de Jesus Christo. Tolices de velho! O homem não deu ouvidos aos seus rogos e cumpriu a ameaça. O rapaz morrêra. Faltava o resto, o pavoroso resto, para a desgraça completa da rapariga e a loucura integral do velhinho.

Quando Tiburtino voltou da roça, encontrou a sua pupilla debulhada em lagrimas. Soube de tudo e também chorou. Mas, recordando-se do perigo que ameaçava a joven, sahiu, como louco, porta a fóra, em busca da casa de seu compadre Jóca, légua e meia de caminhada. Elle lhe emprestaria uma espingarda ou uma garrucha para defender o seu thesouro único.

Cahia a tarde. Os sabiás voltavam, piando, aos ninhos. O sol mergulhava, rubro, no poente triste. Circumdava a natureza um halo de dôr e de agonia.

Havia meia hora que o velho caminhava na meia escuridão da matta, quando um tiro estremeceu os cedros e farfalhou as palmas dos pindobaes. Com o éco traiçoeiro, o corpo do bom velho tombou, para sempre, sem vida.

Emquanto isso se passava, o coronel Leoncio entrava, resolutamente, no rancho de Tiburtino, onde Maria, só, abandonada continuava chorando. A moça, assim que o viu, soltou um grito doloroso e rolou sem sentidos. Um instante depois voltava a si. E o patrão, ao seu lado, ia desfiando um enorme rosário de coisas molles, de palavras repassadas de sensualismo e de volúpia. Maria, revoltada, com a lembrança do noivo a tomar-lhe todas as cellulas do pensamento, cuspiu-lhe na face e disse-lhe palavras injuriosas. Elle, com o desejo ainda mais aguçado pela recusa, procurou conseguir pela força o que não conseguira pela astucia, pela mentira. A rapariga, porém, resistiu a todos os assaltos bestiaes. Quando o homem viu que de nada serviria a força herculea do seu braço; quando todos os esforços redundavam improficuos; quando o desespero, o amor proprio ferido e o instincto não satis-

PAULO WERNECK

(Conc. na pag. 38)

Os «teams» profissionaes do Fluminense e do Bangú defrontaram-se domingo passado, no stadio da rua Alvaro Chaves, para o principal jogo do campeonato que se realizou naquelle dia. As archibancadas do tricolor estavam sem um logar vago, porque foram muitos os admiradores do sport bretão que alli compareceram para o grande encontro daquelle bello domingo de sol.

Inaugurou-se domingo passado, com a regata de novíssimos, a temporada de remo deste anno que promette ser brilhante e se desenvolverá em vários «meetings» da importancia desse que movimentou garridamente a enseada de Botafogo, na linda tarde radiosa do dia 14 do corrente. A regata de novissimos, amplamente focalizada nesta pagina, foi iniciativa da Federação Brasileira de Sports Aquaticos.

Sob os auspicios da Confederação Nacional dos Operarios Catholicos, realizou-se no dia 1.º do corrente a Primeira Paschoa dos Operarios, que congregou, na mais bella cerimonia da igreja, milhares de obreiros desta capital, aos quaes sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme distribuiu a Sagrada Communhão. A photographia acima foi tomada á porta daquelle templo catholico, após a linda festa, e nella apparece d. Sebastião Leme entre os operarios que participaram do banquete divino.

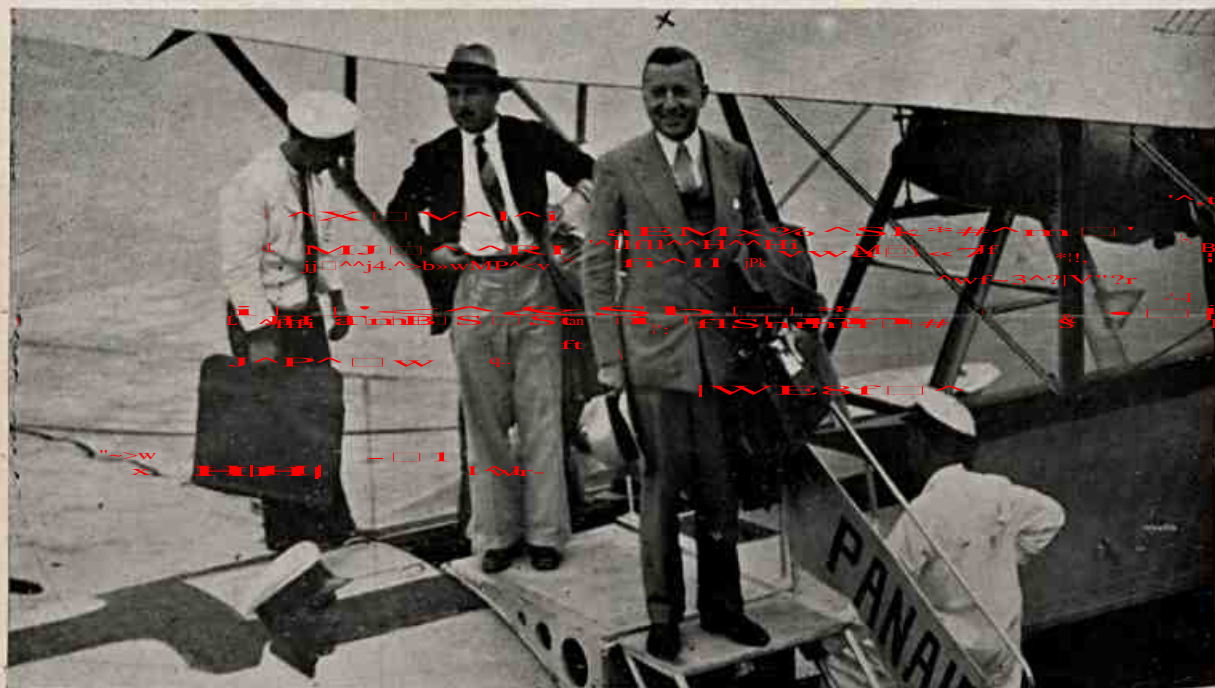
CRUELDADE

(Conclusão)

feito começavam a martyrizal-o, elle o autor monstruoso da morte do noivo da rapariga, elle, o braço occulto que fechou para sempre os olhos do seu avô e unico amigo, elle, que, alem desses crimes hediondos, commettêra a crueldade de esphacelar os mais lindos sonhos de uma virgem, pensou, de si para si: "Ah! era demais! Então não haviam de respeitar o seu poderio, a sua vontade e a sua fama de homem valente, quando até os homens da justiça lhe tiravam o chapéo com humildade, com médo dos seus jagunços?! Então era assim que deveria ser tratado por uma creatura nascida e criada na sua fazenda, cria sua, podia-se dizer, como uma novilha que não valia dois caracóes?! Como era que aquella coisa á tôa se atrevia a recusar-lhe o que as outras, as de sua igualha, lhe offereciam espontaneamente?!"

Com essa enfiada de raciocinios, veiu-lhe á bôcca um travo de sangue. Toda a animalidade que até ali o dominava, todo o sensualismo que as fórmas bem feitas da rapariga com seus 19 annos sadios lhe despertavam, tornou-se, num relampejar, cólera e revolta. Não trepidou mais. "Acabaria com aquillo num instante, pois não!"

Rilhou os dentes e, sacando a faca que trazia á cinta, feriu uma, duas, trez, muitas vezes, o corpo moço e palpitante da rapariga indefeza, prostrando-a, covardemente, para todo o sempre.

A noite havia descido de todo. E o rancho onde viveram um sonho e um começo de ventura foi envolvido pelo crepe trevoso, mergulhando na sombra e no esquecimento o coração que amou e teve, um dia, a illusão de ser feliz.

Instantaneo do dr. William M. Scholl, presidente da Scholl Manufacturing, de Chicago, a conhecida organização que fabrica os afamados apparelhos de conformação e tratamento dos pés, quando aquelle industrial descia a escada do avião da Panair que o trouxe da America do Norte ao Rio de Janeiro. O dr. William M. Schol esteve alguns dias nesta capital, em transito para os outros paizes da America do Sul, na sua viagem de inspecção ás succursaes da Scholl Manufacturing installada em diversas capitaes do continente.

FON-FON no cinema

Ultimo varão sobre a terra

Da FOX

com

RAUL

ROULIEN

A noiva apanhou-o em flagrante.

RALPH, rapaz de muito bons sentimentos mas de péssima reputação, está sempre brigando com sua noiva Dolores, que o surprehende em situação compromettedora com as pequenas mais bonitas da cidade. A mãe de Dolores, a senhora Winkle, procura um meio de desfazer as relações amorosas de sua filha com Ralph, a quem considera um perdido. O dr. Winkle está preoccupadissimo, inventando um sôro para combater a terrivel praga de "Varontis", que ameaça extinguir o sexo masculino do universo. A dra. Prodwell trabalha em collaboração com o dr. Winkle. Depois de uma agitada discussão com Dolores, Ralph embebeda-se com o mordomo da familia, Belcher, resultando o creado ir collocal-o no aposento de uma pequena. Esta não é outra sinão a rival de Dolores. Ao ver Ralph, grita com todas as forças que possúe, e toda a casa vae ver o que se passou. Considerando isto uma offensa imperdoavel, Dolores rompe definitivamente com Ralph. Este, desesperado, diz que, si não lhe perdoassem, arriscaria a sua vida

(Cont. nas pags. 44 e 45)

Vinho e mulheres era o seu ideal.

Um tango compromettedor.

Loucuras de Monte-Carlo

(BOMBEN AUF MONTE CARLO)

Film da UFA

Direcção: Erich Pommer - Hanns Schwarz

com

Capitão Craddock... HANS ALBERS
Yola................ ANN STEN
Peter............... HEINZ RUHMANN

Seducção!

UM cruzador, ancorado nas proximidades da accidentada costa do Mediterrâneo, parece aguardar, preguiçosamente, sob um sol esplendido, animo para proseguir a sua rota. E' o «Persimon», pertencente á gloriosa marinha de guerra de S. Majestade a rainha de Pontenero. A bordo, cada qual procura encher a longa espera com uma actividade qualquer. O tenente Peter Schmidt, talvez porque não tenha a agitar-lhe o sangue o «virus» da impaciência, encontra fácil distracção numa vara de pesca. Debruçado sobre o mar, aguarda, pacientemente, o anzol mergulhado nas águas inquietas, que um peixe ingênuo se venha dependurar á linha traiçoeira para augmentar-lhe ainda mais as glorias de pescador experimentado. Emquanto isso, um telegramma inesperado vem fornecer á equipagem optimo pretexto para alguns commentarios «venenosos». Ainda ninguém se inteirára do conteúdo do despacho e já se murmura de ouvido a ouvido:

— Naturalmente a rainha manda dizer, mais uma vez, que, em virtude da crise financeira, não nos póde pagar tão cedo o soldo atrazado...

E' que esse facto vinha se repetindo com insistencia. O Reino de Pontenero, em virtude da quebra do padrão ouro ou coisa parecida, andava realmente a «nenhum»... Salvava-o, porém, de uma brusca revolução por parte das classes armadas, os encantos magnéticos da sua adoravel soberana. O capitão Craddock, commandante da nave, homem de hombros largos e temperamento inquieto, para o qual a vida não passava de um motivo para a pratica de «sports» violentos e o gozo de aventuras galantes, ao perceber, reflectido na physionomia dos seus commandados, o receio de que aquelle telegramma viesse confirmar-lhes os presentimentos, preferiu não lêl-o e atiràl-o ao mar, desdenhosamente, após têl-o amarfanhado entre os seus dedos de aço. Mas o destino, que não admitte lhe transtornem os planos gestos atrevidos como aquelle, foi esperar o pobre telegramma no anzol do paciente Schmidt. Este, que esperava arrancar das aguas o peixe mais gordo que os oceanos produziram até hoje, não teve outro remedio sinão contentar-se com aquelle pedaço de papel molhado. Em compensação, poude a equipagem saber, refeita do seu susto, que não se tratava de mais um pagamento adiado e, sim, de novas instrucções quanto a um cruzeiro, cujo fim outros telegrammas não tardariam a esclarecer. Logo a bordo o enthusiasmo rastilhou como fogo esperto em matto sêcco, expandindo-se num alegre cantarolar da marujada em preparativos para levantar ferros assim que as novas ordens chegassem. Estas não demoraram muito. O cruzador devia seguir para Livorno, afim de embarcar nelle a própria rainha! Mas o impetuoso capitão, que pensára ter adivinhado naquella mudança imprevista de roteiro a opportunidade de dar que fazer ao cérebro e aos músculos num dos movimentados exercicios a que volta e meia a esquadra se entregava, irritou-se contra aquella desconcertante missão de servir de «dama de companhia» á sua caprichosa soberana.

E, como o pacato Schmidt o aconselhasse a dominar os seus naturaes impetos de homem forte, apontando-lhe a perspectiva de um lindo passeio pelas costas encantadoras da Baviera, naquelle rumo a que a vontade da rainha os forçára, Craddock lembrou-se, no mesmo instante, de Monte-Carlo... Sim, Monte-Carlo! E brusco, como em todas as suas decisões, resolveu aportar, por sua conta e risco, na plácida bahia que defronta a conhecida cidade do jogo livre, mandando ao diabo as ordens recebidas. Emquanto isso, S. Magestade, a rainha de Pontenero, ou por outra, Yola, simplesmente Yola — uma mulherzinha encantadora, digamos de passagem — se

(Continúa na pag. 42

Uma flôr de Monte-Carlo.

A rainha era para brincadeiras.

NAGANA

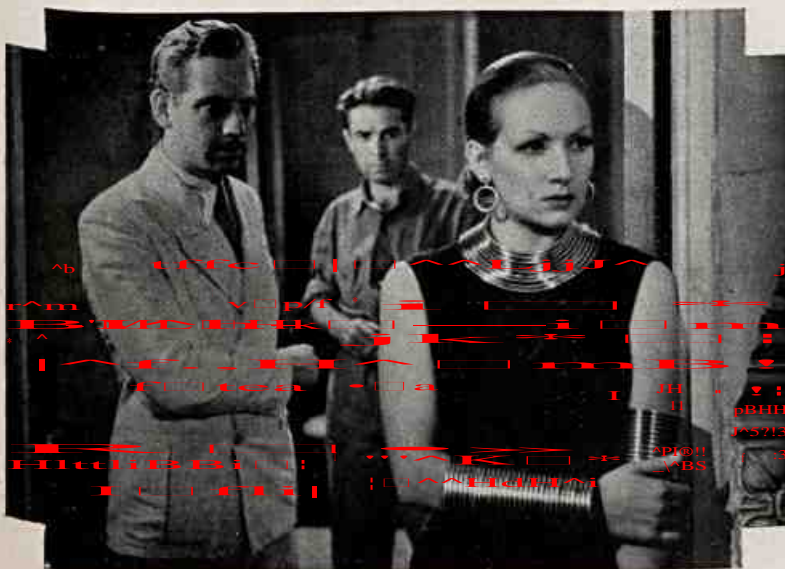
Um film da UNIVERSAL

COM

Condessa Sandra Lubeska	TALA BIRELL
Dr. Walter Radnor....	MELVYN DOUGLAS
Dr. Kabayochi......	M. MORITA
Head Boatman.....	NOBLE JOHNSON

MISSIONARIO da sciencia, o dr. Kurt Radnor vivia nas inhospitas plagas africanas, empenhado na descoberta do sôro capaz de anniquilar a maldita "tsé-tsé", a "nagana", a mosca que produz a molestia do somno.

Serviam-lhe como assistentes Roy Stark, um medico inglez, e o dr. Kabayochi, um japonez que vivia exclusivamente para a sciencia.

Um dia, um criado traz ao dr. Radnor uma noticia inesperada: Stark, a quem estava confiada a guarda de uma aldeia devastada pela moléstia do somno, abandonára o posto, desertára quando os nativos mais precisavam delle. Immediatamente, o joven médico vae á procura do companheiro e consegue saber a verdade: Stark fugira, não por mêdo da missão que lhe fôra confiada, mas sim porque soubéra que a condessa Sandra, uma mulher de perigosa belleza, estava na Africa.

Mas Sandra, embora sabendo-se fervorosamente amada por Stark, não arrostára os perigos das selvas por causa delle; ella viéra tão somente em busca do dr. Radnor, por quem sentia uma louca paixão.

Radnor consegue convencer o amigo a abandonar a casa da fatidica mulher e a voltar para o laboratorio. Mas, no dia seguinte, quando entra no quarto delle, vae encontral-o morto; o infeliz suicidára-se, depois de se ter convencido de que jamais lograria conquistar o coração daquella mulher indifferente.

Deante daquella surpresa, o dr. Radnor não vacilla. Os indigenas estavam sendo victimados nos sertões distantes; morto Stark, elle resolve ir, em pessôa, dirigir as pesquizas para o exterminio do germen. Prepara a bagagem, reune um punhado de nativos e, seguido pelo dr. Kabayochi, embrenha-se pela selva, a caminho de uma aldeia distante, vadeando pantanos, enfrentando feras, arrostando perigos de toda sorte. A aventura agradava-lhe muito, por dois motivos: primeiro, porque elle cumpria o seu dever, trabalhando pela causa da sciencia; segundo, porque fugia á influencia de Sandra, a mulher de quem tambem elle gostava muito.

Dias depois, estavam os scientistas na aldeia, que se apresentava, naquella occasião, como o maior fóco da moléstia. Quem os recebeu foi Nogu, um negro gigantesco, que já havia visitado a Europa e que era filho do soberano da região, e que lhes disse, pacificador:

— E' melhor que vocês voltem daqui. A vossa medicina, como os exoscismos dos nossos feiticeiros, não deu até agora o menor resultado e a vida de todos corre perigo...

Mas o dr. Radnor estava resolvido a tentar o impossivel e não se deu por vencido. Nogu conseguiu do pae permissão para que a caravana ficasse e essa permissão foi dada mediante condições rigidas:

— Ou vocês exterminam o mal, ou pagam com a vida.

Em dois dias um laboratorio tinha sido improvisado e os scientistas co-

(Continúa nas pags. 46 e 47)

A paixão dominava-lhe a alma.

Interrogatorio doloroso!

Queria chamal-o á vida.

«NASCI PARA TE AMAR»

(BEHIND OFFICE DOORS)

Comedia da Radio Pictures — Direcção de MEIVIELLE BROWN

com MARY ASTOR, ROBERT AMES, RICARDO CORTEZ, KITTY KELLY e EDNA MURPHY

Eram dois corações que se comprehendiam.

MARY LINDEN comparece a uma festa dada por sua collega de escriptorio, Dolores Kogan, e faz conhecimento com Ronnie Wales.

Mary, por brincadeira, permitte a Ronnie beijál-a, mas logo esquece o incidente. Secretamente, Mary está apaixonada por Jim Duneen, vendedor, no escriptorio onde ella trabalha, o qual tem olhares para todas as pequenas, menos para a que o ama. Mary vê a opportunidade de elevar Jim á chefia dos negocios quando a doença força o patrão a retirar-se.

Jim toma conta de sua nova posição e mantém Mary como sua secretaria particular. Uma semana depois, elle traz Daisi Presby para ajudar Mary. Daisa, entretanto, usa taes termos familiares com Jim, que não paira duvida alguma sobre a sua intimidade.

Os negocios prosperam sob a nova direcção, mas Jim começa a beber e a consumir as horas de trabalho em companhia de mulheres alegres. Mary fica aborrecida quando vem a saber que Jim está compromettido com Ellen Robinson, filha do banqueiro com quem Mary conseguiu a promoção de Jim. Com o coração magoado, Mary descobre que os negocios vão mal, devido á negligencia de Jim. Luta desesperadamente para pôr tudo em ordem, quando Ellen entra e diz a Mary que se dimitta, sabendo que Mary está apaixonada por Jim e temendo competição.

Poucas semanas depois, Dolores diz a Mary que Jim havia tentado desesperadamente descobril-a e que os negocios vão de mal a peor. Ella vem a saber tambem que Jim rompeu o compromisso de noivado com Ellen. Secretamente satisfeita, ella annuncia, offerecendo uma estenographia. Jim manda chamál-a. De secretaria a esposa é apenas um passo.

Vertigem!

Loucuras de Monte-Carlo

(CONCLUSÃO)

entediava numa fastidiosa viagem em estrada de ferro com destino ao porto em que a devia apanhar o cruzador rebelde.

Em caminho, pelo telephone, é informada do que acontecera a bordo. A desobediencia do capitão irrita-a a tal ponto, que ella resolve ir a Monte-Carlo censurar, pessoalmente, o commandante insubordinado.

Ancorado o navio em frente á cidade, Craddock não perde tempo. Transporta-se rapidamente á terra, em companhia de Peter, e, uma vez desembarcados, dirigem-se immediatamente ao Consulado do Reino de Pontenero.

Yola, que os avistára de uma janella, cuida de preparar tudo para mandar prendel-os assim que os tivesse em sua presença. Mas Craddock é um typo viril, desempenado, audacioso... e a rainha uma linda figura de mulher, com um systema nervoso em optimas condições de vibrar si o percorressem os dedos maliciosos e leves do Amôr. E, ao invéz da prisão, o que Craddock consegue da sua graciosa soberana é o penhor de um collar que lhe enfeitava o collo harmonioso, ao proprio Consul, para que, dos 100.000 francos assim obtidos, a equipagem do «Persimon» pudesse afinal receber o soldo atrazado. Dahi por deante, Yola, esquecida da sua origem real, tudo faz para conquistar o atrevido capitão, não como sua rainha, mas, simplesmente, como mulher. Afinal, descobre uma brecha na arrogancia daquelle homem

(Cont. nas pags. 44 e 45)

Surpreza desagradavel.

O FILM DE UM BRASILEIRO PARA TODO O BRASIL !! EIL-O FELIZ E ATRAPALHADO COM AS MULHERES !!

Dia 25 de Maio no «Imperio» e «Gloria» (RIO)

Dia 5 de Junho - ODEON (Sala Vermelha) S. Paulo

Dia 5 de Junho - COLYSEU (Santos)

Dia 5 de Junho - MODERNO (Recife)

Dia 5 de Junho - APOLLO (Porto Alegre)

ULTIMO VARÃO

(Conclusão)

num vôo transatlantico, em seu apparelho. Sua noiva consulta a mãe para saber o que deva fazer. O dr. Winkle vendo nisto uma opportunidade para se desfazer de Ralph telephona aos jornaes annunciando a projectada viajem de seu futuro genro. Sem poder escapar da enorme publicidade que os jornaes dão em sua honra, Ralph parte em seu aeroplano e desapapprece completamente. Pouco depois, o mordomo confessa que foi elle quem póz Ralph no quarto de Toots. Dolores commenta a injustiça que fez ao seu noivo.

Passados alguns annos a terrivel epidemia de "Varonitis" tem eliminado todos os homens da terra. As mulheres agora acham-se com cargos enormes do governo e do mundo em geral. A dra. Prodwell está fazendo o possivel por aperfeiçoar um homem mecanico, para substituir o verdadeiro, mas a idéa fracassa quando o boneco explode ás primeiras experiencias. Nesse momento uma aviadora chega a

SONETO XII

(Stecchetti)

Sinto que morro, pois que não me espera
o tempo nesta lúgubre noitada;
a cova se abre escancarada e austera
para tragar a carne inanimada.

Quando tudo voltar á primavera,
eu só não tornarei. Sobre esta ossada,

LOUCURAS DE

(Conclusão)

energico e por ella se insinua, ardilosamente, nos seus domínios affectivos. Mas, apezar de tudo, o que a anima é um desejosinho bem feminino de vingar-se daquelle estouvado que lhe desobedecêra ás ordens. Para levar a effeito o seu plano, incita-o a rehaver o seu collar empenhado. Craddock, para attendêl-a, entrega outra vez ao Cônsul os 100.000 francos que recebêra para pagar aos seus marinheiros e algumas jóias que possuia. A seguir, com o dinheiro que lhe resta, uma bôa somma ainda, vae tentar a sorte no Casino. E as fichas se accumulam prodigiosamente, deante delle, pelo effeito das suas paradas felizes. Num dado momento, farto de ganhar, quer levantar-se da banca, carregando aquelle dinheiro todo, mas a rainha, desejosa de uma desforra, prende-o ainda á mesa de jogo.

E Craddock, desta vez, tudo perde num abrir e fechar de olhos. Mas nesse momento critico é que a sua audacia verdadeiramente se revela. A perda daquelle dinheiro ao jogo compromettia os seus brios de official de marinha. Como pagar agora aos seus subordinados? Enfurecido, vae ao encontro do director do Casino e intima-o, com um brilho de decisão nos olhos claros, a entregar-lhe 100.000 francos — tanto quanto necessita para pagamento aos seus homens — si não quer que os canhões do «Persimmon» vomitem os seus obuzes

SOBRE A TERRA

informar á dra. Prodwell que viu um homem, um naufrago, em uma ilha deserta. Quasi loucas, as mulheres fazem o possivel de occultar o segredo dos demais paizes; e uma expedição de mulheres parte e descobre, na ilha, o *Ultimo Varão sobre a Terra*, que não é outro senão Ralph, fazendo-o seu prisioneiro. A expedição commandada por Bribona, é atacada pela commandada por Prodwell, e a noticia se espalha pelo mundo inteiro. Todos os dias, por meio da televisão, o *Ultimo Varão sobre a Terra* é dado a conhecer ao mundo inteiro, e é então que Dolores reconhece o seu noivo. Vae reclamal-o mas não lh'o entregam, deliberando então que fim se dará ao unico homem, quando Ralph, aborrecido, se levanta com um revolver na mão decidido a suicidar-se si não lhe derem Dolores para casar-se. Temendo todas perderem o *Ultimo Varão sobre a Terra*, resolvem então casar os dois e assim vivem muito felizes, pois tambem a praga de *Varonitis* já havia desapparecido.

---

na terra, onde a materia já se altera,
ha de crescer a planta delicada.

Vae lá, mulher, o fiel amor convida,
e nessa tumba colhe, em contrição,
a flôr do proprio coração nutrida.

Beija-a, querida, e os restos meus então
só de lembrarem do teu beijo em vida,
de amor dentro da terra fremirão!

HORTA DE MACEDO

MONTE-CARLO

contra o celebre estabelecimento. Yola, ella mesma, não esperava semelhante attitude. Bombardear Monte-Carlo! Era o cumulo! Aquelle homem estava louco. Insulta-o, indignada, mas Craddock faz-se de surdo aos seus desafôros e se retira apressadamente para bordo.

Logo a noticia se espalha por toda Monte-Carlo, apavorando a população.

A bordo, Craddock aponta os canhões, tal como promettêra, para o Casino, disposto a arrazal-o realmente, si não fosse attendido no que pedira. Momentos de espectativa. Yola decide-se a ir, por seu turno, ao encontro daquelle «doido varrido», para impedir o attentado. Craddock, porém, não lhe liga a menor importancia. Permanece inexoravel. Ou o director devolve os 100.000 francos que perdêra ou o Casino será destruido. De nada valem as supplicas e a autoridade da rainha para demovel-o desse proposito. E quando o director, no ultimo minuto, vendo as coisas mal paradas, se decide a levar-lhe o dinheiro a bordo, elle, entregando-o á equipagem, para não ter que prestar obediencia á pobre rainha, atira-se ao mar e attinge em largas braçadas um navio que passa.

Mas a rainha, comprehendendo que era aquelle o seu homem ideal, manda accelerar a marcha de «Persimon» e persegue-o... desta vez disposta a prendel-o nas cadeias dos seus braços tentadores de mulher bonita...

ERA UMA VEZ...

"Avosinha, conta uma historia!"
E devagar, devagarinho,
ella começava assim:
"Era uma vez uma princeza,
uma princeza muito linda..."

E eu ouvindo, suspirava:
"Quem me déra ser uma princeza!
Ter um palacio de pedrarias.
Com columnas de ouro.
Com escadas de prata.
Com tectos de crystal.
Ter por madrinha uma fada.
Ter um principe para me casar..."

E suspirava e dizia:
"Quem me déra ser uma prin-
[ceza!..."

Fiz-me mulher.
Sonhei com o impossivel.
Soffri todas as dores.
Vivi a vida.

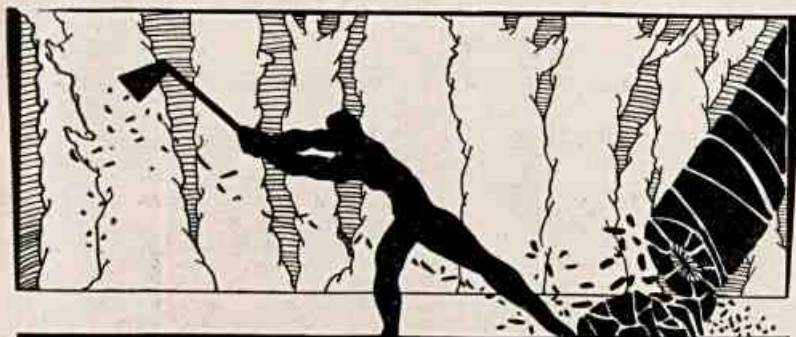
Não tive um palacio
Tive um ninho de amor.
Não fui uma princeza.
Fui rainha de um coração.

E tive tudo
não tendo nada.

NAGANA

(Conclusão)

meçavam a trabalhar activamente. A moléstia ia causando estragos cada vez maiores. Nogu era, para o dr. Radnor, um auxiliar dedicado. Deu-lhe feras para as experiências, protegeu-o contra a desconfiança dos selvagens, fez quanto poude para facilitar o caminho aos homens brancos.

Dias depois, de surpreza, Radnor soube que Sandra estava na aldeia: tinha vindo em perseguição dos expedicionários, sozinha, pois não encontrou quem lhe quizesse servir de guia. Era justamente na época mais difficil. O mal aggravava-se terrivelmente, fazendo-se cada vez mais intenso, roubando centenas de vidas diariamente. O proprio dr. Kabayochi não escapou e foi abatido pela moléstia. Radnor, que dias antes descobrira um sôro capaz de curar um grande chipanzé que fôra inoculado, esperava poder salvar o amigo, mas não queria fazer a experiencia antes de ter certeza de que a descoberta era realmente efficaz. Mas Kabayochi, que era um verdadeiro scientista e que tinha o estoicismo das raças amarellas, resolveu fazer experiencia em si mesmo a [illegible] do sôro. Nessa occasião, chegava ao laboratorio a noticia de que o soberano da tribu estava cahido, accommettido do terrivel mal. Nogu, foi dizer a Radnor:

Do passado distante
vinha-me a voz mansa
da avósinha:
"Era uma vez uma princeza..."
E eu já não suspirava
e nem dizia:
Quem me déra ser uma princeza!..."

MUNDICA

(Do livro a sahir — "A vida que passa").

Ella. — O senhor não dança?
Elle. — Não; as mulheres jovens e agradaveis já têm par...

— Si meu pae morrer, eu não poderei livral-o do odio dos meus subditos...

Horas depois de ter experimentado o sôro, Kabayochi estava melhor, livre dos symptomas alarmantes. Mas Radnor continuava agarrado ao seu pessimismo:

— E' preciso dar tempo, afim de que tenhamos resultados apreciaveis. O remedio pode produzir bons resultados agora e ser fatal dentro de algumas horas.

E negou-se a applicar o sôro no rei.

Mas Sandra, que temia pela vida do homem amado, apoderou-se de uma seringa, encheu-a de sôro e, ás escondidas, foi fazer a applicação no regulo agonizante. O resultado foi desastroso: momentos depois, Kabayochi expirava nos braços do dr. Radnor e, numa cabana um pouco mais distante, o rei negro morria tambem.

Foi a catastrophe. Os selvagens, sabendo que Sandra era a culpada pela morte do soberano, apoderaram-se della para dal-a como pasto aos crocodilos, victima de uma morte lenta e terrivel.

Emquanto isso, impotente para livrar a mulher amada, Radnor continuava a trabalhar na pesquiza do sôro. Si o descobrisse, talvez ainda houvesse tempo de reparar a tragedia. E conseguiu-o, sim, mas no ultimo instante, quando o sacrificio selvagem já ia adeantado, quando Sandra já sentia a pelle arrepiada pelo halito pestilento dos crocodilos gigantescos e vorazes...

Meré e André Maurrois, elle sorria, *bon enfant*:

— Você, que assistiu aos ensaios — disse-me elle — não diga nada. Não me felicite. Bem vê que sorri. Espero-o amanhã para almoçar.

No canto da Avenue Elysée Reclus com Champs de Mars, uma casa redonda, branca, perde-se no meio de um jardim. Com a face voltada para a rua, um busto em bronze domina tudo, mostrando uma physionomia de traços firmes e energicos. Em letras douradas, no seu pedestal, lê-se — "*A Lucien Guitry, les artistes français*". E' alli que vive Sacha, na mesma casa em que viveu e morreu seu pae, cujo culto é a sua religião, e onde elle organizou um museu avaliado em milhões. Depois da minha ultima visita, esse museu enriquecêra.

— Creio que você não conhece — dizia-me elle — esse admiravel Cezane que adquiri na "vente Pacquement" e esse admiravel plano da *Education Sentimentale*, de Flaubert. Ah! Flaubert! Que homem genial! Tenho tambem a sua "robe de chambre", naquelle quadro ali, no alto da parede, ao lado do seu "porte feuille" onde elle guardava os seus papeis intimos. E ainda o manuscripto de *l'Education Sentimentale*.

E Sacha ia conduzindo-me pelo seu immenso gabinete de trabalho, um verdadeiro museu, onde as vitrines, super-postas, dominam o longo das paredes.

— Aqui tem o tinteiro de Victor Hugo e o molde de sua mão ao lado da coròa de Thalma e da de Sarah Bernhard. Na vitrine de cima, um lenço de Napoleão e algumas das condecorações que elle usava. Lá, naquelle canto, os objectos de meu pae. Vê ali, aquelle relógio com chatelaine? Meu pae adorava-o. E' uma obra prima: todo trabalhado em crystal. Foi-lhe offerecido no Brasil.

Com o seu pyjama em velludo verde, Sacha senta-se num longo divan, perdido na recordação longinqua

SACHA GUITRY

(CONCLUSÃO)

do admiravel mestre. Elle fala docemente, como para si mesmo:

— Que grande homem! Lucien Guitry dava a impressão de que nascêra para genio. Era grande em tudo, como physico, como caracter, como cultura e como sentimento. Falava-me sempre com carinho e admiração do Brasil!

De repente, levanta-se.

— Venha commigo — diz elle. — Vou mostrar-lhe uma coisa que raramente mostro. Mas, como você é brasileiro, a excepção justifica-se.

Descemos a pequena escada que circula o "hall" coberto de quadros e tapeçarias. No canto de uma porta um busto de Anatole France, melancolico e sóbrio:

— Colloquei-o ali — diz-me Sacha — porque nesse mesmo sitio o vi pela ultima vez. O busto é de Bourdelle.

Um pequeno corredor e o grande artista, com uma visivel emoção, abre uma porta.

— Eis o seu quarto, tal como elle o usava. Ali, o leito onde morreu. Acolá, naquella redoma, a sua máscara. Aqui, nesta vitrine, todos os objectos que elle usou em scena. Naquella larga poltrona, onde se sentou pela ultima vez, tem os objectos que elle tocou antes de morrer: o seu chapéu largo e o cache-col de fullard.

Uma pausa, um silencio doloroso, embebido em uma recordação pungente, se fez entre nós. Instinctivamente, volvi-me para aquelle homem grande, másculo, bello, que é Sacha: com a cabeça pendida, um olhar vago, longínquo, um "rictus" estranho na commissura dos lábios e duas lagrimas a escorrer-lhe pelas faces, lentamente, ouvi-o dizer baixo, roucamente:

— Por que morrem os que são tão amados, como morrem os mendigos sem patria, nem carinho, nem amor?

Quando voltámos ao salão, um inglez duro, vertical, com as faces angulosas e um cachimbo immenso, perdia-se na dura tarefa de procurar comprehender o novo quadro de Cezane, que Sacha adquirira.

— E' um velho amigo da casa e redactor do "Times".

O seu olhar não era de extase deante da obra do mestre, mas de pura incomprehensão. Sacha sorriu, apiedade:

— Darling, meu velho amigo, não continúe a irritar Cezane, e permitta que lhe apresente um jornalista brasileiro e amigo.

O inglez olhou-me com o mesmo olhar com que espiava Cezane, e sorriu com aquelle sorriso mecanico de todo inglez, que se completa pelo cachimbo.

— Encantado de o conhecer, mister.

Sacha sentára-se ao meu lado e a nossa palestra continúa, como si o visitante fosse uma simples figura decorativa. Privilegio da raça ingleza...

— Você falou-me na Academia — diz Sacha, — mas asseguro-lhe que eu mesmo não havia pensado nisso. Alguns amigos, academicos mesmo, falaram nisso e iniciaram a campanha, o que me faz enorme prazer. Sou tão pouco acadêmico, que nunca ousaria bater na porta da academia. Digo isso não por pretensão, mas por modéstia esperei que me chamassem. E no dia em que me fizerem um pequeno signal, póde crer que irei correndo.

— E si, como desejamos todos, for eleito, pensará em abandonar o seu *métier* de actor?

— Por que, meu caro, abandonaria eu todos os meus costumes por um só? Não. Ainda que fosse só pelo nome que trago, nunca abandonaria a carreira mais bella do mundo, que é a do actor. Pense que é a única profissão na qual não se mente, porque se mente sempre para se dar a illusão de que se fala a verdade. Um autor, quando escreve uma peça, póde consultar os seus papeis e livros; um esculptor pode procurar lições nos museus; um pintor tambem; mas um actor, um verdadeiro actor não conta sinão comsigo mesmo. E' a mais bella carreira que se póde desejar. Nunca a abandonaria. Nem penso nisso

Quando alludi á campanha que se faz na America e na Inglaterra sobre a decadencia da literatura franceza, Sacha sorriu ainda:

— Não existe decadencia — affirma elle. — O que ha é o "alto e baixo". Estamos no baixo, em vesperas de ir para o alto. Ha nisso uma enorme incomprehensão. Após a época dos genios, vem sempre a dos "pastiche". Homens como Debussy, por exemplo, fazem um mal enorme á musica, porque são gênios e terão que ser imitados forçosamente. Dahi uma serie de musicas más. O mesmo se deu com a Rejane. Durante dez annos todas as jovens artistas, por qualquer coisa, choravam em scena. D'ahi uma série de artistas más. Não existe decadencia, mas periodo estagiário. O mesmo se dá na literatura theatral. Tivemos dois grandes escriptores: Henri Becque e Porto-Riche. O primeiro dizia a verdade em geral e o segundo em particular, detalhando e sondando o coração humano. O primeiro, inventando o "dizer a verdade", produziu os imitadores, que julgam fazer o mesmo mostrando os "máos costumes". O segundo é mais complicado, porque a sua influencia attingiu a raça. Porto Riche era judeu. Antes delle, nenhum judeu se atrevêra a escrever para theatro e depois delle todos acharam que tinham talento e deviam ser "autores". D'ahi essa serie enorme de mediocridades que invade o nosso theatro. Não! Nós não estamos decadentes mas em "vacances" nas letras!

Sacha acompanhou-me até o portão. Ambos olhámos para o busto de Lucien Guitry. O sol dava um brilho de suor áquella physionomia extraordinariamente energica e séria Naquelle momento, tive a impressão de que elle nos olhava e um sorriso de ternura aflorava aos seus lábios, ao ver Sacha.

Bricio de Abreu

A origem inegavel dos jantares dançantes...

O MEU RETRATO

De PEPE

PELAS caladas de uma noite enluarada, quando parece a natureza adormecida sob a delicia de um sonho, eu despertei bruscamente, como si alguem bem de perto me houvesse então chamado. Olhando ligeiro para todos os lados, vi que sómente a lua havia penetrado em meu quarto, por intermedio de sua luz cariciosa e fluidica... Tudo estava em seus logares. Apenas em um meu retrato, trabalho de arte de Vicente Leite, detive-me a fixar. A' luz morna e velada do luar êlle se me afigurou mais triste. E' sempre assim: as cousas que nos absorvem a attenção (e eu estava absorvido commigo mesmo...) traduzem sempre o estado de alma de que nos achamos possuidos, ou nos exasperam pelo desaccôrdo... A ellas transmittimos o nosso sentimento e nellas nos vemos, ou nos queremos vêr reflectidos... E, não sei porque, instinctivamente adorei o meu proprio retrato, como se adora um ente muito querido, como si me estivesse êlle falando... O seu olhar, em attitude de quem se recorda, medita; a sua bôcca, ligeiramente contrahida em uma expressão de tristeza que não quiz ser revelada, occulta secretamente, mas attingida, deram-me a illusão de que o meu retrato me é o unico e inseparavel companheiro e amigo de minhas desillusões... E, tão suggestivo era o ambiente, encantado pela luz da lua, e tão eloquente e sincero era o meu intimo triste, que um receio mixto de esperança e de saudade, me invadiu então: — hoje, vendo-te, quero-te tanto, que me commoves com a tua companhia sincera..., amanhã (quem sabe?) os meus olhos quererão vêr-te com outra expressão reflectida em ti. A imagem que eu trouxer dentro de meus olhos quererá dar-te outro sentimento ao olhar, outro rictus á bôcca... Já não serás tu que me absorves a attenção. Deixarás de ser real? não creio. E, por seres real, por seres verdadeiro, certamente ha de fugir de ti o meu olhar, que guardará, então, o fulgor de uma illusão... De uma illusão, sim, porque é a felicidade uma illusão que creamos... E, si algum dia a realidade bruta destruir novamente a minha creação... certamente hei de adorar-te ainda, ó meu companheiro fiel!...

Quando de novo despertei, já não mais existia a suavidade do luar...

DOIS HOMES DE PALAVRA

CONHECERAM-SE na "Vida livre". Trabalharam como estivadores na mesma mina, tinham mais ou menos a mesma idade; eram igualmente calados, trabalhadores e valentes. Uma fraternal sympathia nascêra entre Pedro e Luiz. Mais tarde, as artimanhas de uma mulher má separou-os, e, considerando-se mutuamente offendidos sem que houvesse apparecido uma occasião para a desforra, os dois retrahiram-se, conservando de parte a parte um odio profundo, avassalador.

Annos mais tarde, a sorte tornou a reuni-los numa penitenciaria, por "delicto de sangue"; foram ambos ter ali, cumprindo penna maxima — que até nisto quiz o Destino que se assemelhassem suas vidas atormentadas.

Logo que Luiz chegou ao pateo da cadeia, seu inimigo veiu ao seu encontro, com estas palavras:

— Alegro-me em ver-te, homem.

— Folgo muito tambem por encontrar-te aqui — tornou o outro.

— Vens em busca do meu sangue, imagino.

— Sim; ou talvez, trazer-te o meu. Só Deus o sabe.

Fitaram-se avidamente, numa especie de alegria feroz. A razão da vida de Luiz seria, dali em deante, a morte de Pedro; e o fito unico da vida de Pedro, a morte de Luiz.

A corneta, tocando "o rancho", separou-os. A' tarde, encontraram-se de novo. Disfarçando a vigilancia do guarda, Pedro quiz saber si o rival possuia alguma arma:

— Nenhuma — replicou Luiz. — Ao chegar aqui, tiraram-me a minha faca. E tu?

Pedro suspirou numa surda revolta:

— Estou tambem desarmado!

— Que fazer, então?

— Por emquanto, nada. Esperar...

Conhecedor do mundo sombrio em que se achavam, accrescentou:

— Aqui, como lá fóra, na vida livre, com dinheiro tudo se consegue: até mulheres... Quem póde pagar tem o que deseja. Procura, pois, uma arma, e eu farei o mesmo.

Não queriam bater-se a socos; o odio era forte demais para isto. O duelo devia ser a arma branca, unico modo de conseguir que fosse rápido e fatal.

Mas a disciplina era severa; infatigavel era a vigilancia no sombrio presidio... Os dois inimigos raramente conseguiam falar um ao outro.

Mas a sêde da vingança crescia cada dia mais. E varios mezes passaram.

Um domingo, durante a missa que era celebrada no pateo, Pedro murmurou ao ouvido do rival:

— Tenho uma faca. E tu?

Luiz cerrou os dentes e curvou a cabeça:

— Nada, ainda. Prometteram-me uma navalha, mas ficou em promessa. Maldita sorte a minha!...

Terminada a missa, conseguiram ficar juntos durante o passeio.

— E' pena! — tornou Pedro — que não tenhas conseguido uma arma, porque depois de amanhã é vespera de Natal e, sendo menor nesse dia a vigilancia, porque muitos guardas sahem, poderiamos liquidar as contas mais commodamente.

Luiz suspirou:

— E' verdade!

— Não imaginas o quanto lastimo. Porque ferir-te estando tu desarmado... nem quero pensar...

— Bem sei. Eu faria o mesmo. Traição não é desforra.

Caminharam silenciosos, por algum tempo. De repente, Pedro estacou; acabava de ter uma inspiração, e seu rosto illuminou-se:

— Tenho uma idéa.

— Qual?

— A minha faca chega.

— Não entendo.

— Vaes entender já.

E, meio occulto contra a parede, Pedro mostrou a faca que trazia entre a roupa:

— Gostas?

Offereceu-a. Luiz tomou-a, examinou-a cuidadosamente.

— E' bôa.

— Pois é o que digo: ella nos basta!

— Explica-te.

— E' simples. Antes de principiar a luta, tiramos á sorte para ver para quem cáe a arma. Tua? Dou ta. Minha? Ficarei com ella. E, durante a luta, o desarmado procurará desarmar o outro, e assim, até que um ganhe... Comprehendes?

Alegremente, Luiz replicou:

— Comprehendo.

— Agrada-te a minha idéa?

— Muito. Por que não a tivesse antes?

— Pois então ouve: na noite de Natal, emquanto se celebrar a missa do gallo, eu estarei no pateo velho, junto á muralha que dá para o mar. Não demores.

— Serei pontual.

E, para firmar o pacto, estreitaram-se as mãos. O odio que havia entre elles revestia-se, naquelle momento solenne, de toda a nobreza de uma grande amizade.

Os dois foram pontuaes ao tragico *rendez-vous*. A lua, quasi em sua plenitude, banhava o pateo deserto com uma claridade pállida e fria. Pelo velho presidio ouviam-se canticos e musica.

Não havia tempo a perder. Pedro mostrou a seu inimigo uma moeda de dez centimos.

— Vamos?

— Joga...

— Péde — ordenou Pedro, lançando a moeda no ar.

Com a vóz rouca, suffocada, Luiz disse:

— Cruz!

A moeda cahiu no chão. Os dois homens inclinaram-se sobre ella como que para lêr o que dizia o Destino.

— Cruz... — murmurou Pedro. — A faca é tua.

Toma-a.

Depois, mudos, vibrantes, rangendo os dentes, atiraram-se um ao outro. Por tres vezes, conseguiu Luiz ferir o seu rival, embora não gravemente, e já a sorte parecia declarar-se em seu favor, quando um escorregão o obrigou a cahir de joelhos, circumstancia que Pedro aproveitou para desarmal-o e feril-o com um golpe profundo. Não se deixou, porém, vencer o ferido, e a luta continuou selvagem, indecisa. Minutos depois, as pernas dos combatentes começaram a enfraquecer; com o muito sangue que perdiam, ia-se a coragem. Os golpes eram menos firmes. Mais de dez vezes a faca, tinta de sangue, mudou de dono.

A ronda, que pela madrugada passou pelo pateo, encontrou-os mortos.

E assim, sem precisar de testemunhas que lhes garantissem a lealdade, souberam d e s f o r rar se aquelles dois sentenciados, que foram sem duvida dois grandes cavalheiros.

E. Zamacois

ESTÁ ERRADO!

CIDADÃO viéra muito joven do seu Estado afim de trabalhar no commercio da metrópole. Fôra feliz. Tem encantos pela terra carioca e nada melhor que o Rio de Janeiro.

Aqui nada falta á saúde de Cidadão. Si o médico lhe aconselha banhos de mar, escolhe entre as diversas praias existentes no Districto Federal a mais aprazivel ao seu gosto; si a prescripção lhe indica clima serrano, aluga casa em Santa Thereza, Alto da Bôa Vista, ou dá um pulo a Petrópolis, tão perto do Rio, que os despachos telegráphicos são considerados urbanos para effeitos de taxa; si clima de campo, vae ao Meyer, Piedade, por ali além; si lhe exige tratamento de aguas mineraes, vae bebêl-as á fonte de Nazareth no Meyer, vae ás aguas de Santa Cruz, vae á fonte de São Domingos beber as aguas do Ingá, em Nictheroy, as quaes, dizem, curam diabete, procura a *super-magnesiana*, marca *federal*, na encosta do morro de Santa Theresa, rua Alice, a qual, affirmam, cura tambem os diabéticos. Não faltam neste Rio de Janeiro fontes de aguas mineraes naturaes. Não faltam fontes ricas de sáes de cálcio, de magnesio, de silicio, de ferro; ricas de bicarbonatos, de chloretos; aguas límpidas, inodoras, incolores e officialmente examinadas no Laboratorio Bromatológico do Departamento Nacional de Saúde Publica.

Realmente, o pobre não se póde queixar aqui de falta de recursos para usar de aguas mineraes. Ir a Caxambú, Cambuquira, São Lourenço, Lambary, Lindoya, *et cetera*, hoje em dia é só motivo para os habitantes do Rio procurarem repouso ao invés de aguas.

O panorama do Rio de Janeiro possúe paizagens para todos os gostos: serranas, marinhas, campestres. Os passeios são innúmeros.

Por tudo isso, Cidadão, com justo motivo e bom gosto, adora a cidade onde aprendêra a viver e prosperar.

Fôra ver as cidades das Republicas do sul, e nada como o Rio. Percorrêra toda a America, nada encontrára superior ao Rio. Fizéra a travessia do Atlantico, e do Velho Mundo voltára ainda mais captivo das bellezas naturaes do Rio.

Viéra visitál-o um irmão. Este nunca tivéra ensejo de conhecer a cidade maravilhosa.

Cidadão procurou mostrar-lhe tudo quanto de mais interessante existe aqui. O irmão de nada se admirava. Na capital do seu Estado havia de tudo: estava claro não haver lá um Pão de Assucar bôcca da barra, mas viam-se morros semelhantes; não podia ter a Guanabara, mas possuia um porto muito bonito; as praias de lá eram tambem apreciadas pela belleza das enseadas encantadoras.

. Ah! mas as pequenas?! Lá se encontravam tambem moças lindas, e graciosas, e elegantes, e gentis como as interessantes cariocas.

Era o visitante um bairrista terrivel!

Cidadão ficou aborrecido. Levou trez dias matutando para descobrir algo differente da capital de seu Estado. E achou!

Jogou o irmão num auto e mandou o motorista tocar para a cidade. O carro parou em frente ao FON-FON. Foram os dois até a esquina próxima.

— Está ahi uma coisa que não ha na capital do nosso Estado, dissera Cidadão.

— Que é? indagára-lhe o irmão.

De Hormino Lyra

— Naquella placa está escripto: *Rua Republica do Perú*, mas toda a gente só lê *Rua da Assembléa!*

O irmão sorrira.

— Estás duvidando?! Espera lá!

Passava um senhor, e Cidadão perguntára-lhe:

— Póde ter a bondade de me dizer como se chama esta rua?

O senhor olhára a placa e respondera:

— Rua da Assembléa.

E fôra andando.

— Para não suppôres que o homem é analphabeto, vou perguntar a outro passante.

E perguntára a quem tivéra opportunidade de falar:

— Tenha a bondade, senhor: como se chama esta rua?

O segundo passante olhára a placa de relance e respondêra em seguida:

— Rua da Assembléa.

— Agora vou indagar de uma autoridade policial.

Estava ali perto um homem com o uniforme da Inspectoria de Vehiculos. Fizéra Cidadão uma continencia e perguntára ao inspector:

— Como se chama esta rua?

Este sabia o nome de côr. Não se virou para lado algum e respondeu logo, logo:

— Rua da Assembléa.

— De certo, está errado o nome da rua, dissera em tom confidencial o visitante.

— O costume do povo faz leis; e não ha decreto que revogue a vontade popular, affirmára Cidadão. E proseguira:

Ainda hoje a Rua Marechal Floriano é a Rua Larga. Está na memoria de todos o exemplo das ruas Ouvidor e São Clemente: ninguem se lembrava das novas placas com os nomes de Moreira Cesar e Ruy Barbosa, não obstante ser Ruy uma gloria inolvidavel do nosso paiz. Ninguem diz: vou á Avenida Rio Branco, mas, unicamente, vou á Avenida; por isso, talvez tenha a Avenida Central conseguido perder o primitivo nome. Facil fôra, entretanto, a troca do nome da Rua do Hospicio, porque (pudéra!) preferem todos ir á Buenos Aires!

— Perfeitamente, concordára o outro.

— Si o Brasil deseja mostrar-se grato a uma attenciosa lembrança da Republica amiga, baptize-se outra rua da metropole com o nome da Republica do Perú; si a questão, porém, como máxima correspondência de gentileza, é procurar-se uma rua bem central, está ahi a 13 de Maio. Todos procuram esquecer aquillo que lhes envergonha.... E por que não havemos de passar uma esponja na escravatura, deixando-a apenas como triste successo particular da nossa história?

— Perfeitamente, continuára concordando.

— Com a nova Assembléa Constituinte, a reunir-se na antiga Camara dos Deputados, mesmo sitio onde outróra existiram a Cadeia Velha e a Assembléa monárchica, alguem porventura poderá lembrar-se de corrigir o erro, mandando escrever-se de novo naquella placa o nome tradicional da rua, afim do povo ler aquillo direito!

Mais uma vez, concordára o visitante:

— Assim como está, não: porque, de certo, está errado!

UM DRAMA EM

(SHERLOCK HOLMES

(Continuação do numero anterior)

— Perdão, senhor, disse-lhe de repente Sherlock ao ouvido. Conhece o provenbio: "aranha de manhã, desgosto certo"? Está prestes a verifical-o.

— Como assim, senhor?

— Tem uma aranha na gola da sua casaca. Permitte-me que o desembarace della?

— E' muito amavel, senhor, por se dar a esse incommodo, retrucou o estrangeiro fazendo desapparecer os luizes na algibeira das calças.

— Não vale nada, senhor.

Sherlock sacudiu com a mão a gola da casaca do estrangeiro, depois voltou-a por um instante.

— Foi aqui para dentro. Espere, senhor, já a tiro. Prompto, está no chão e vou esmagal-a.

— Mil vezes obrigado, senhor. Fico-lhe muitissimo reconhecido pela sua amabilidade porque não posso supportar esses nojentos insectos.

— Pois faz mal, senhor... As aranhas valem bem mais do que a sua reputação, e não sei realmente porque é que tanta gente tem tanto medo destes animaesinhos. Mas fará bem voltando para o seu logar se quer continuar a jogar. Recomeçaram neste momento

— Mais uma vez obrigado, senhor, repetiu o estrangeiro. E voltou para junto do panno verde.

Sherlock fixou no espirito num instante as seguintes palavras:

"Flint Brothers, London, Piccadilly, 33.

Sabia o que desejava. A casaca do jogador, era nova, e fôra confeccionada em Londres. Esse homem estivera nessa cidade pouco tempo antes.

O estrangeiro continuou a jogar, mas desta vez a sorte não lhe foi propicia.

Tinha visivelmente a intenção de levar a banca á gloria, porque jogava de cada vez o maximo, isto é 4000 francos e ia perdendo sempre.

Sherlock parecia sentir um interesse extraordinario por aquella scena.

Observava todos os movimentos do jogador e, particularmente, quando o homem de rosto pallido e barba negra abria a carteira não podia inhibir-se de lhe olhar por cima do hombro.

Por emquanto, o ponto deixava a carteira em reserva. Jogava com o dinheiro que recebera do banqueiro. Quando os rolos de ouro desappareceram um depois do outro, abriu a carteira e tirou uma nota de mil francos.

Sherlock tirou um lapis da algibeira, fez um signal no punho quando a nota foi lançada sobre o panno.

Passaram assim trinta notas.

Não passou desapercebido a Sherlock que o jogador começava a sentir uma certa inquietação.

Tremiam-lhe os labios, o olhar tornou-se-lhe fixo, palpitavam-lhe as narinas.

Sherlock fez o trigesimo primeiro signal no punho.

O estrangeiro deixou passar um jogo em branco.

Pareceu travar-se nelle um combate.

Depois sacrificou a trigesima segunda nota de mil francos.

A trigesima terceira seguiu de perto, e passado um instante Sherlock fazia o trigesimo quarto signal.

Os olhos do policia abriram-se desmedidamente cheios de febre espectativa. Tratava-se para elle de saber se havia ainda uma nota de mil francos na carteira e o que succederia se essa nota tomasse tambem o caminho das outras.

Não teve que esperar muito.

MONTE-CARLO

(POR CONAN DOYLE)

Com a carteira visivelmente vazia, o estrangeiro tirou ainda uma nota e deixou-a cahir sobre o panno verde; com dois dedos parecia querer ainda conserval-a.

Sherlock concentrou toda a sua attenção sobre a roleta.

— Se não ganhasse! E' forçoso que não ganhe disse em voz baixa, mas tão baixa que ninguem a ouviu. Se ganha, a minha observação foi baldada. Se perde, então...

O banqueiro annunciou o resultado. O estrangeiro tinha perdido.

— Perdão senhor, disse elle de seguida a Sherlock, queir ter a bondade de me deixar passar? Faz muito calor nesta sala, e preciso sahir afim de respirar um pouco.

— Com o maior prazer, senhor! retrucou Sherlock Holmes, o mais amavelmente possivel. E com extrema volubilidade accrescentou: não pode imaginar quanto me interessei pelo seu jogo.

"Quando se vê como o dinheiro desapparece na caixa do banqueiro, não se pode deixar de sentir uma especie de febre, mesmo que o dinheiro não nos pertença".

— Sim, é verdade, disse rindo o estrangeiro, é verdade, tem razão. Boa noite, senhor, boa noite.

Sherlock Holmes seguiu-o. Por coisa alguma no mundo queria perder-lhe a pista.

Perseguia-o uma idéa fixa e essa idéa podia resumir-se num numero "35".

O estrangeiro tinha perdido 35.000 francos.

Lord Frederic tinha ganho 35.000 francos na propria manhã da sua morte 35.000 francos em notas de mil francos. Nota por nota tinham sido 35.000 francos que o estrangeiro lançara sobre o panno verde, as mesmas que o lord ganhara.

Estes detalhes, Sherlock Holmes soubera-os por miss Elliot, e Nancy era na especialidade, uma informante sobre a veracidade da qual se podia contar.

Sherlock Holmes viu o seu jogador atravessar a sala e dirigir-se para a casa onde ficavam os casacos Pouco tempo depois, sahiu de sobretudo e chapéo alto.

Isso durara um minuto, mas esse minuto bastara a Sherlock Holmes para se approximar d'um mancebo elegantemente vestido que, de cigarro na bocca, passeiava pelo terraço que se estende do casino ao hotel de Paris.

— Harry, murmurou o policia ao seu discipulo, vae passar por diante de ti um homem um tanto pallido muito novo, de barba escura. Segue-o, eu tenho que fazer, e indica-me o caminho que percorrer.

— Sim senhor; respondeu Harry em voz baixa.

Sherlock Holmes occultou-se por detraz de uma columna, deixou o estrangeiro passar socegadamente deante delle, fez signal a Harry para lhe indicar que era aquelle o homem que não devia perder de vista.

Desceu em seguida a escadaria do terraço, com o olhar fixo no solo. Attrahiu-lhe a attenção uma pequena pedra muito brilhante... Trinta passos mais longe, notou segunda.

Vinte passos ainda, uma terceira. Sherlock Holmes estava orientado sobre o caminho que Harry e o extrangeiro tinham tomado.

(Continúa na pag. seguinte)

CAPITULO VI

A DAMA VELADA

Harry tinha ido espalhando pedras brilhantes como fazia todas as vezes que se tratava de indicar uma pista ao policia.

A pista desta vez atravessava o hotel de Paris para ir ao parque.

Sherlock Holmes apressara tanto o passo, que alcançou Harry á entrada do parque.

— Ali, disse Harry, designando uma forma negra que seguia por uma soberba alameda de palmeiras está ali.

— Bem, pequeno, retorquiu Sherlock Holmes sem parar. Falou a alguem no caminho ou trocou qualquer signal?

— Nem uma coisa nem outra. Dir-se-ia estar muito apressado e consultava frequentemente o relogio como alguem que se dirige a uma entrevista urgente.

— Perfeitamente. Conserva-te sempre atraz de mim, Harry, para um caso de necessidade.

Harry parou. Sherlock continuou a andar e depressa se achou a quarenta passos do estrangeiro.

— Dir-se-ia, disse para si Sherlock que a perda do dinheiro o mergulhou no desespero, e que, como muitos dos seus semelhantes quer pôr termo a existencia.

"Mas o facto de consultar tanto o relogio prova o contrario. Um homem que quer acabar com a vida pouco se importa com as horas.

"Ah! ah! dirige-se para um banco occulto por um massiço de rhododendrons. Bom negocio! Vou pois colocar-me junto delle.

Sherlock occultou-se entre o arvoredo, quasi ao lado do banco deante do qual o estrangeiro passeiava. O policia tentou approximar-se mais.

Impediu-o um arbusto. Não estava ainda assim mais do que a dez passos do banco.

Poz-se de joelhos e esperou tranquillamente, pelo menos mais tranquillamente do que o estrangeiro, que consultava a cada momento o relogio, batia com o pé no chão e olhava ora para a direita ora para a esquerda.

— E' claro que espera aqui alguem, disse de si para si o policia! Ah! isto aborrece-me um pouco...

No ponto onde havia um caminho estreito que ia ter á aléa principal, acabava de apparecer uma figura alta de mulher.

Cobria-a por completo uma capa e do chapéo cahia um véo que lhe occultava absolutamente o rosto.

— Emfim! disse o estrangeiro dirigindo-se ao seu encontro. Fizeste-me esperar bastante tempo!

— Estamos sós, completamente sós, ninguem pode ver-nos nem ouvir-nos?

— Não ha logar mais deserto no fundo do parque. Mas, porque é essa insistencia em que não te vejam comtigo?

— Ainda o perguntas? Por causa do teu terrivel passado, por causa do horroroso logar donde sahiste.

— Ora! Quem é que o sabe? Agora, represento o papel de homem sério — sem grande successo, na verdade. E' preciso que me auxilies! Oh! não te recuses, é preciso.

— Fal-o-hei! respondeu a voz feminina, mas com uma condição.

— E essa condição?

— Vaes jurar que deixas Monte Carlo ainda esta noite. Já m'o promettestе ha dias quando nos encontramos no mar. Mas, naturalmente, não mantiveste a tua palavra. De resto é esse o teu costume.

— Oh! supplico-te, nada de censuras. Deixa-me em paz com a tua moral. Dá-me vinte mil francos e d'aqui a quinze dias estarei na America.

— Vinte mil francos! Não os tenho commigo. Trouxe muito menos. Espera, vou ver... Estamos realmente sós? Este véo incommoda-me, vou erguel-o.

— Estás louca! Asseguro-te que não está aqui ninguem! Promette-te partir esta noite ainda. Não te causarei mais dissabores. Mas depressa, dá-me tudo que tiveres comtigo. Amanhã, enviar-me-ás como quizeres quanto faltar para os vinte mil francos.

Neste momento a mão tremula da joven ergueu o véo!

— Nancy Elliot! este nome qual que sahiu dos labios de Sherlock. Tremeu-lhe o labios inferior, e o seu rosto exprimiu um intenso soffrimento.

— Diabo! Em que historia se metteu a pobre creança? Mas vejamos, este rosto — e o do estrangeiro, — estes olhos castanhos mas são... Pelo inferno, o que quer dizer?

Sherlock tinha recebido por detraz uma pancada formidavel. Cahira para a frente e tocara ao de leve com a fronte no solo...

Um homem de alta estatura lançara-se a elle. Depois surgiram outros homens de todos os lados, e uma voz gritou em ar de commando:

— Cerquem-n'os. Não nos podem escapar. Miss Elliot é nossa prisioneira.

— Que burro que é este prefeito da policia! murmurou Sherlock erguendo-se. Põe toda a sua gente contra a pobre mulher, quanto ao outro... ah! ah! derrubou um dos policias e fugiu... Espera, meu

(Continúa na pag. seguinte)

pequeno, se os caçadores não te apanham, terás pelo menos um cão a seguir-te...

Sherlock Holmes saltou por entre os arbustos e penetrou no massiço de arvoredo onde se passava a scena commovedora.

Nancy Elliot jazia inanimada nos braços do prefeito da policia de Monte-Carlo, cercada por dez guardas que a ameaçavam com os revolvers.

— E' inutil ligil-a, ouviu Sherlock Holmes. Já não nos pode fugir. Ah! ah! rapazes, prendemos aquella que assassinou lord Frederic Woodville, e podemos estar orgulhosos do nosso trabalho.

— Prendêl-a... nada absolutamente, senhor prefeito da policia, exclamou Sherlock Holmes que não poude conservar por mais tempo o sangue frio. Deixe miss Elliot que está tão innocente como qualquer de nós. O assassino do lord deixou-o fugir.

E Sherlock sem se occupar com o prefeito da policia nem com os agentes, dirigiu-se tão promptamente quanto lhe foi possivel para o lado do rio.

Já ouvia o murmurio das ondas, já via a lua reflectindo-se na agua, quando esbarrou tão rudemente com Harry na escuridão, que este rolou pelo solo.

— Imbecil! disse Sherlock Holmes. Para que me estorvas quando eu sigo uma pista?

— A pista de quem? Perguntou Harry ao mesmo tempo que se erguia. A do estrangeiro que seguiamos ainda agora?

— Sim, sim esse mesmo? Encontraste-o, desgraçado? Porque não te conservaste junto delle nos rochedos?

— Foi o que fiz senhor Holmes. Mas nem com a melhor vontade do mundo podia seguil-o para onde elle foi.

— Para onde, dize?

— Para o mar, retrucou Harry. Suicidou-se deante de mim. Lançou-se ao mar!

— Meu querido pequeno, tornou Sherlock Holmes, batendo nas faces de Harry e sorrindo, não te fies nas apparencias. O patife atirou-se á agua? Quero crel-o! Mas que tenha procurado a morte, não, Harry Taxon! O assassino de lord Woodville é bom nadador e por isso nos escapou... por emquanto, assim o espero. Vem para casa, Harry!

CAPITULO VII

A PRISÃO

— Venho, senhor pedir-lhe desculpa. Não tenho por habito intrometter-me nos actos da policia, e fiz mal em não poder calar-me, e ter dito o que valia mais que guardasse para mim.

Ao mesmo tempo, Sherlock Holmes entrava no gabinete do prefeito de policia, meia hora depois dos acontecimentos que acabamos de narrar.

— Senhor, respondeu o prefeito da policia, o facto de se haver intromettido nos nossos negocios e ter erguido a voz, merecia um castigo, na verdade; mas esqueço-me disso. Vir porem no meio da noite distrahir-me de um trabalho da mais alta importancia isso é que não posso admittir.

— Cumpro o meu dever vindo procural-o, senhor prefeito da policia, porque estamos ambos animados pelos mesmos sentimentos. Quer descobrir o assassino de lord Woodville, não é verdade? Pois tambem eu.

— O assassino de lord Woodville? Mas está descoberto ha muito tempo tornou o prefeito da policia, e se, como supponho, é um desses jornalistas sempre á espreita, de que ninguem pode livrar-se, dir-lhe-ei o seguinte: aquelle que matou lord Woodville está nas nossas mãos, ou antes aquella que o matou, se é preciso dizer-lhe tudo... Não foi sinão miss Nancy Elliot sua amante.

— Pobre miss Elliot! retrucou muito tranquillamente Sherlock Holmes. Não ha no mundo creatura mais innocente do que ella.

— Sinto, senhor, mas não quero discussões a este respeito... portanto, peço-lhe...

— Permitta-me ao menos, senhor prefeito, que me apresente? Sou Sherlock Holmes.

— Sherlock Holmes o famoso policia inglez! Oh! então o caso muda de figura. Deixe-me apertar-lhe a mão. Queira sentar-se, peço-lhe.

Sinto-me deveras feliz por travar conhecimento comsigo, sr. prefeito da policia, respondeu Sherlock Holmes, apertando a mão que lhe estendiam. Não creio dever occultar-lhe que vim a Monte-Carlo expressamente para resolver o enigma deste assassinato. Accressentarei que lord Frederic era meu amigo, e que estou resolvido a tudo para prender o criminoso.

— Então, pode tomar o comboio, sr. Holmes, retrucou o prefeito da policia com o seu sorriso significativo, levando a convicção de que o crime de que o seu amigo foi victima não ficará impune. Miss Nancy Elliot...

— Está completamente innocente. Garanto-o, sr. prefeito da policia.

— O senhor... Se não fosse Holmes, julgaria isto um gracejo.

— Infelizmente o caso não é para rir. O assassino escapou-lhe no momento em que devia apoderar-se delle. Era o homem que se encontrava com miss Elliot no parque.

— Tratava-se talvez de um cumplice. Mas a verdadeira culpada é essa mulher.

— Essa mulher? Nada tem com o crime. Tenha a bondade de mandar chamar miss Elliot e ouvil-a. E primeiro dir-lhe-ei, antecipadamente, o que ella vae narrar-nos.

(*Continúa no proximo numero*)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

ORF LÉNE

Liquido

O MELHOR E MAIS PRATICO

conserva os cabellos sedosos e facilita a ondulação permanente

DISTRIBUIDORES PARA TODO O BRASIL

AMÉRICO & CIA

RIO DE JANEIRO

RUA SETE DE SETEMBRO-86